

Pergunta Ação

Conhecendo
os interesses
e perspectivas
dos jovens de
Campinas-SP

Relatório final elaborado por:

FUNDAÇÃO
FEAC 50
A vida
escreve essa
história

 INSTITUTO
Paulo Montenegro
AÇÃO SOCIAL DO IBOPE

Expediente

Fundação FEAC

Antonio Carlos de Moraes Salles Filho – Presidente

Arnaldo Rezende – Superintendente

Silvia Elena Basetto Villas Boas – Gestora do Departamento de Gestão Social

Lincoln Cesar Moreira – Supervisor da Área de Compliance

Virgilio Paulo da Silva Alves – Assessor Técnico

Júlia Barradas Petroni de Senzi – Assessora Social

Maria do Carmo Brant de Carvalho - Consultora Técnica

Instituto Paulo Montenegro

Dezirée Saade Montenegro - Diretora Presidente de Honra

Marcia Cavallari Nunes - Diretora Vice Presidente

Ana Lúcia D'Império Lima - Diretora Executiva

Marisa de Castro Villi – Assessora de Projetos

Rodrigo Fernandes Cardozo – Assessor de Projetos

Carolina Roberta Peixoto do Nascimento – Assessora de Projetos

Produção

Fábrica de Ideias

Fotos

Ricardo Lima



Relatório final da consulta participativa de opinião, pela metodologia PerguntAção, elaborado em janeiro de 2014 por:



Grupo de Trabalho interinstitucional

Ação Forte
Aprendizado Doméstico Sant'anna
Associação de Educação do Homem de Amanhã
Casa da Criança Madre Anastácia
CEDAP – Centro de Educação e Assessoria Popular
Centro Comunitário do Jardim Santa Lúcia
CEPROMM – Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada
COMEC – Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas
CPTI – Centro Promocional Tia Ildeide
CRAS Flamboyant – Centro de Referência de Assistência Social
Grupo Primavera
Instituto Robert Bosch
ISBET – Instituto Brasileiro Pró Educação Trabalho e Desenvolvimento
PROGEN – Projeto Gente Nova
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SETA – Sociedade Educativa de Trabalho e Assistência
SMCAIS / CSAC – Secretaria Municipal de Cidadania, Assistência e Inclusão Social /
Coordenadoria Setorial de Avaliação e Controle
TABA - Espaço de Vivência e Convivência do Adolescente
UCF – União Cristã Feminina

Grupo de Atuação

Educadores:

Ariane Priscila de Oliveira dos Santos
Gisele Fortunato Carvalho
Júlio César Della Torre
Maria Inês Bernardi da Cunha
Marilda de Oliveira Martins

Jovens:

Ana Paula de Meira
Beatriz Moura de Brito
Clayson Dias Ferreira
Daniel Abreu Silva de Oliveira
Daniel de Barros Faustino
Deivid de Paula Dantas
Douglas Augusto Ribeiro Vita
Fernanda Karolina da Silva
Gabriel Alves Peris
Givaldo Costa Santos Junior
Hosana Cristina dos Santos
Igor Augusto Luciano
Isabela Regina Bicego
Janaina Cristina Assolari
Jéssica D'eleotério de Miranda
Jéssica Eduarda Muniz
Jonatha de Oliveira Roberto
Larissa Amaral
Lucas Teixeira da Silva
Luiz Augusto Fidelis dos Reis
Michael Gustavo Ferreira da Silva
Odílio Mateus Taddei
Rafaela Tauani Rodrigues de Freitas
Tanara dos Santos
Vinicius William Alves de Oliveira
Wesley Luiz Inácio da Conceição

Sumário

- 7 APRESENTAÇÃO
- 10 METODOLOGIA
- 12 PERGUNTA - GUIA E HIPÓTESES
- 13 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA CONSULTA PARTICIPATIVA DE OPINIÃO
 - 13 Perfil
 - 19 Avaliação da cidade
 - 29 O universo jovem e a educação
 - 41 Envolvimento com drogas
 - 43 Estratégias de participação
- 45 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS JOVENS DO GRUPO DE ATUAÇÃO
- 49 CONSIDERAÇÕES SOBRE O GRUPO DE ESTUDO E TRABALHO: EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO
- 51 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O PERGUNTAÇÃO
- 53 RECOMENDAÇÕES AO MUNICÍPIO A PARTIR DO OLHAR DO JOVEM



Apresentação

Arnaldo Rezende - Fundação FEAC

Constituída como Fundação de direito privado, sem fins econômicos, a Federação das Entidades Assistenciais de Campinas - Fundação Odila e Lafayette Álvaro, denominada Fundação FEAC, foi criada em 14 de abril de 1964.

Para a consecução da sua finalidade estatutária - a promoção humana, a assistência e o bem-estar social, com prioridade à criança e ao adolescente de baixa renda em Campinas - estabelece colaboração com organismos e entidades, cuja atuação, no campo social, identifica-se com sua missão.

A Fundação FEAC é uma organização beneficente da área da Assistência Social que presta de forma contínua, permanente, planejada e gratuita o assessoramento técnico, administrativo e financeiro para entidades sem fins lucrativos do município de Campinas que atuam nas áreas da Assistência Social, Educação e Saúde.

As assessoradas são entidades de origem privada, com fins não econômicos, que celebram convênios com as Secretarias Municipais de Assistência Social, Educação e Saúde para a conjugação de esforços na execução das Políticas Públicas municipais.

Atenta às políticas voltadas à juventude do município de Campinas, a Fundação FEAC realizou em 2012 um estudo situacional dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para adolescentes e jovens de 15 a 24 anos, executados por entidades sem fins lucrativos, conveniadas à Secretaria Municipal de Cidadania, Assistência e Inclusão Social. O estudo identificou uma série de questões relevantes, como a baixa adesão e consequente elevada evasão dos adolescentes e jovens atendidos pelos serviços, sinalizando a necessidade de

se investir em estudos sobre comportamentos, interesses, possibilidades e obstáculos enfrentados, dentre outros fatores que podem interferir na adesão dos jovens aos serviços.

Além disso, observou-se que, apesar de os jovens manifestarem grande interesse por formações para o mercado de trabalho, as diversas oportunidades do município têm uma oferta muito maior que a demanda efetiva, restando, portanto, vagas ociosas. Nesta faixa etária, há uma significativa incidência de ocupações informais, invariavelmente nas regiões mais centrais do município, evidenciando a necessidade e interesse do adolescente e do jovem em conhecer e conviver com uma realidade diferente da comunidade do seu entorno, aspecto que deve merecer atenção na construção de políticas de atendimento que garantam a mobilidade e acesso a novas experiências e desafios.

O conjunto de aspectos observados sinalizou para a necessidade premente de revisitar objetivos, estratégias e metodologias dos serviços executados, desde suas estruturas às metodologias utilizadas, tendo em vista a atual política municipal estabelecida para o atendimento desse público, em especial da Assistência Social.

Com a estratégia de abordar os aspectos observados, propor análise e ações de enfrentamento, a FEAC convidou toda a rede de atenção e defesa de direitos de adolescentes e jovens de Campinas a compor um Grupo de Estudo e Trabalho. Ao longo de sete meses, os profissionais que participaram sistematicamente dos encontros de estudo refletiram sobre o cenário da política atual de atendimento a adolescentes e jovens no município de Campinas, os desafios a serem superados e as possibilidades de implantação ou implementação de alternativas à prática atual.

Buscando compreender melhor quais os anseios e perspectivas dos adolescentes e jovens atendidos pelas diversas entidades sociais executoras de serviços de assistência social de Campinas, a FEAC buscou no Instituto Paulo Montenegro (IPM) a expertise para a construção de uma proposta de sondagem de opinião junto a esse público específico.

A proposta apresentada pelo Instituto, que veio ao encontro das expectativas da FEAC, foi o “PerguntAção” que consistia na realização de consultas participativas de opinião, possibilitando, por meio de uma construção compartilhada, dar voz aos próprios beneficiários para que pudessem problematizar diversos temas relativos à juventude em Campinas, bem como captar opiniões que pudessem sinalizar para caminhos a serem seguidos pelas organizações sociais e pelo poder público na oferta de políticas públicas direcionadas ao público juvenil.

Consideram-se nesse relatório como adolescentes, os sujeitos de direitos de 12 a 18 anos, segundo o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente. E como jovens os sujeitos de direitos de 15 a 29 anos conforme o Estatuto da Juventude. Dessa forma, percebe-se que aqueles entre 15 a 18 anos, segundo essas legislações, podem ser considerados como adolescentes ou como jovens desde que a condição de juventude não restrinja os direitos preconizados

pelo ECA. Sabe-se que o recorte biológico não é o único parâmetro para se definir um momento da vida, vistas as diversidades de condições sociais em que vivem. No entanto, a faixa etária ainda é um importante parâmetro para definir diretrizes para construção de políticas públicas. A fim de facilitar a compreensão do público contemplado na pesquisa — adolescentes e jovens de 14 a 24 anos — serão utilizados os termos “adolescentes e jovens” como sinônimos, por isso, em diversas ocasiões será possível perceber o uso dos dois termos seguidos — adolescentes e jovens — e em outros momentos o uso apenas do termo “jovens”, uma vez que abarca a maior faixa do público participante da pesquisa de opinião.



Metodologia

Marisa de Castro Villi – Instituto Paulo Montenegro

A metodologia do PerguntAção consiste na realização de consultas participativas de opinião, que nada mais são que um processo construído a muitas mãos, de levantamento de dados por meio de entrevistas pessoais, com questionário estruturado, visando a fortalecer a articulação de grupos para a investigação de temas de interesse, tendo em vista a realização de um projeto em comum.

A metodologia possibilita o levantamento dos problemas e necessidades da comunidade do ponto de vista de seus moradores, pessoas de referência ou instituições dos mais diversos setores que atuam na região. Além disso, contribui para maior aproximação e formação de vínculos entre esses diversos atores e a comunidade em que estão inseridos. A estratégia do PerguntAção propõe promover a integração e o comprometimento do grupo responsável pela sua concepção e implementação, visando ao planejamento de uma ação de melhoria em seu contexto local.

O que diferencia a consulta participativa da pesquisa de opinião realizada profissionalmente é a participação de diversos atores em todas as etapas do projeto. Assim, a consulta pode ser construída e realizada a muitas mãos de modo que pessoas que moram ou atuam no contexto local podem contribuir com a concepção do foco principal da consulta, dos instrumentos de consulta e até da análise dos resultados. Vale ressaltar que o que se prioriza não é a precisão desses resultados, nem o uso rigoroso dos procedimentos metodológicos de uma pesquisa realizada profissionalmente, mas sim a mobilização e o comprometimento dos atores envolvidos diante da temática escolhida.

Ao envolver a comunidade como respondente da consulta, seus membros passam a se identificar como sujeitos, assegurando assim o interesse pelo tema investigado e estimulando o comprometimento com ações que possam derivar desse processo.

Para coordenar e realizar as atividades de construção da consulta participativa de

opinião foi constituído um grupo de atuação, composto por 27 jovens, sendo entre 5 e 6 representantes de cada uma das cinco macrorregiões de Campinas. Este grupo participou ativamente da concepção, realização e análise da consulta participativa.

Para esse fim, profissionais do Instituto Paulo Montenegro (IPM) realizaram 27 horas de oficinas de formação, a fim de percorrer coletivamente as seguintes etapas:

- Definição e qualificação do tema da consulta;
- Identificação da pergunta-guia e levantamento das hipóteses;
- Definição do público a ser consultado;
- Construção do questionário;
- Trabalho de campo;
- Análise de resultados;
- Estratégias de divulgação dos resultados.



Pergunta-guia e hipóteses

Rodrigo Fernandes Cardozo – Instituto Paulo Montenegro

Diversos debates e dinâmicas foram realizados com o grupo de atuação para introduzir a metodologia proposta e o tema que estava sendo sugerido para a consulta participativa de opinião. As discussões com o grupo de atuação passaram por temas como qualidade dos serviços públicos oferecidos - saúde, transporte, educação - oferecimento de cursos profissionalizantes que encaminhem para o mercado de trabalho, divulgação de cursos e atividades que já existem, participação efetiva dos jovens, oportunidades de lazer, Sistema de Garantia de direitos, entre outros.

Com a facilitação da equipe do IPM, o grupo formulou, para nortear os passos seguintes do processo de consulta, a pergunta-guia: **“Como os adolescentes e jovens podem participar da construção de serviços e atividades de qualidade, de interesse deles, junto ao poder público e organizações sociais da cidade de Campinas?”**.

O grupo, então, enumerou as hipóteses que poderiam fazer frente à questão:

- Faltam espaços para os jovens debaterem e exporem suas opiniões;
- Os equipamentos públicos (posto de saúde, escolas, entre outros) não estão preparados para atender os jovens de Campinas;
- Os jovens de Campinas não são consultados na criação de políticas públicas destinadas a eles.

Com a pergunta-guia e as hipóteses definidas, o grupo de atuação construiu um questionário que procurava entender o que os jovens de 14 a 24 anos de Campinas pensam sobre a cidade onde moram, como a avaliam em diferentes aspectos e de que maneira gostariam de participar da construção de uma Campinas que possa ter “um pouco mais a cara deles”.

Depois da elaboração do questionário e de seu pré-teste, os componentes do grupo de atuação foram às ruas, escolas, parques, praças e outros espaços da cidade para buscar pessoas que tivessem o perfil escolhido para responderem à pesquisa, a fim de descobrirem, então, se assim como eles, outros jovens desejavam participar mais ativamente na construção e avaliação dos serviços oferecidos e, em caso positivo, de que forma isso poderia ocorrer.

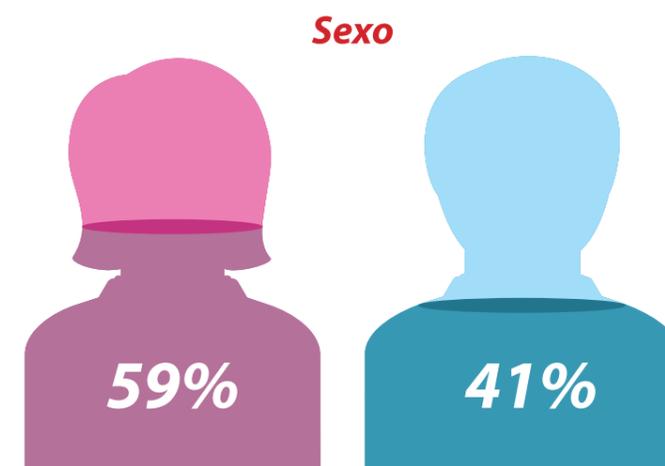
Análise dos resultados da consulta participativa de opinião

Instituto Paulo Montenegro e Grupo de Atuação

Foram realizadas 306 entrevistas, sempre com jovens residentes em Campinas, visto que a intenção era descobrir interesses e perspectivas juvenis que pudessem influenciar em melhorias no que é oferecido na própria cidade.

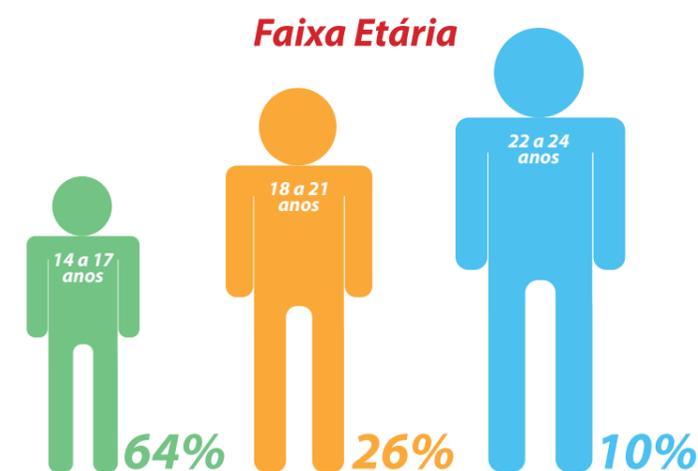
Perfil

O perfil do público consultado é o que se segue. Cerca de 4 a cada 10 jovens ouvidos eram homens e 6 a cada 10, mulheres.

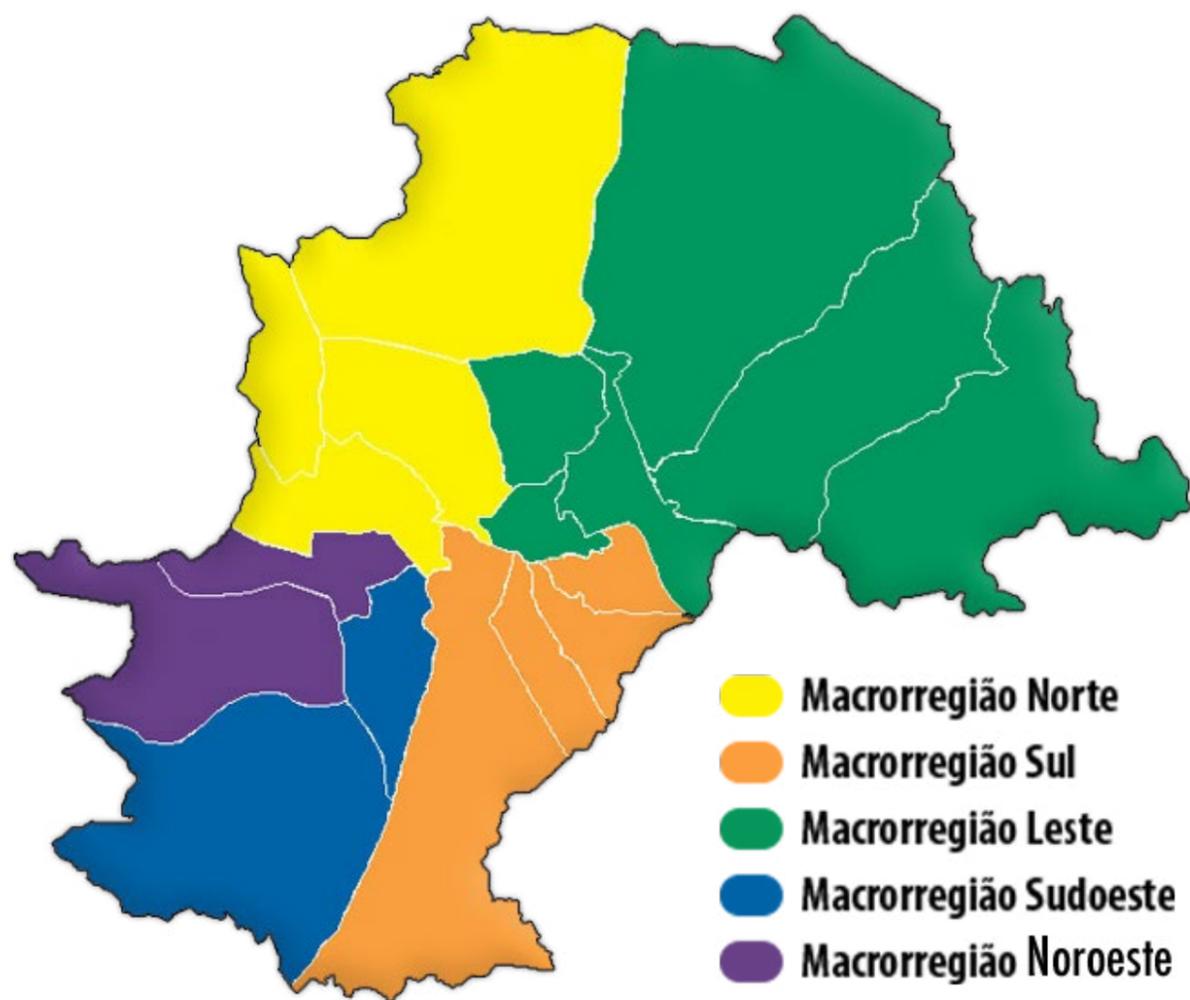


Os jovens que compuseram o grupo de atuação definiram a faixa de 14 a 24 anos por ser essa a idade daqueles que frequentam, ou virão a frequentar, os serviços de fortalecimento de vínculos ofertados pelas organizações sociais da cidade de Campinas. Mesmo que o atendimento se inicie aos 15 anos, buscou-se captar a opinião dos adolescentes com 14 anos de idade, que estão próximos de entrar neste serviço, mas nem sempre conseguem se vincular a alguma outra política

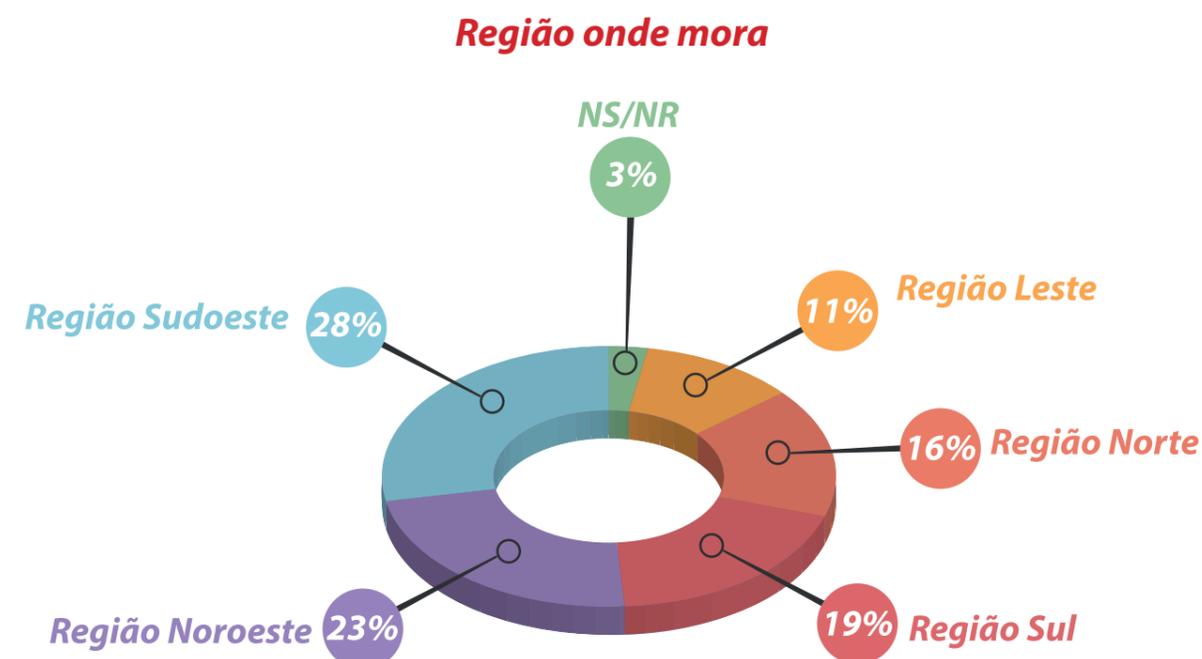
pública que ofereça a possibilidade de acesso ao mercado de trabalho, mesmo estando em uma idade na qual podem inserir-se nos programas como “Jovem Aprendiz”, por exemplo. A grande maioria dos entrevistados tem entre 14 e 17 anos de idade, representando uma proporção um pouco maior do que 6 a cada 10 jovens ouvidos. Os que possuem idade entre 18



e 21 anos, representam quase 3 a cada 10 consultados e a minoria é composta por aqueles que se encontram entre 22 e 24 anos (1 a cada 10). A proporção entre os grupos etários ouvidos nesta consulta participativa de opinião reflete as idades dos jovens que formam o grupo de atuação e, segundo os relatos dos próprios jovens, pela realização de entrevistas, principalmente, em escolas de ensino médio e entre seus grupos de amigos.



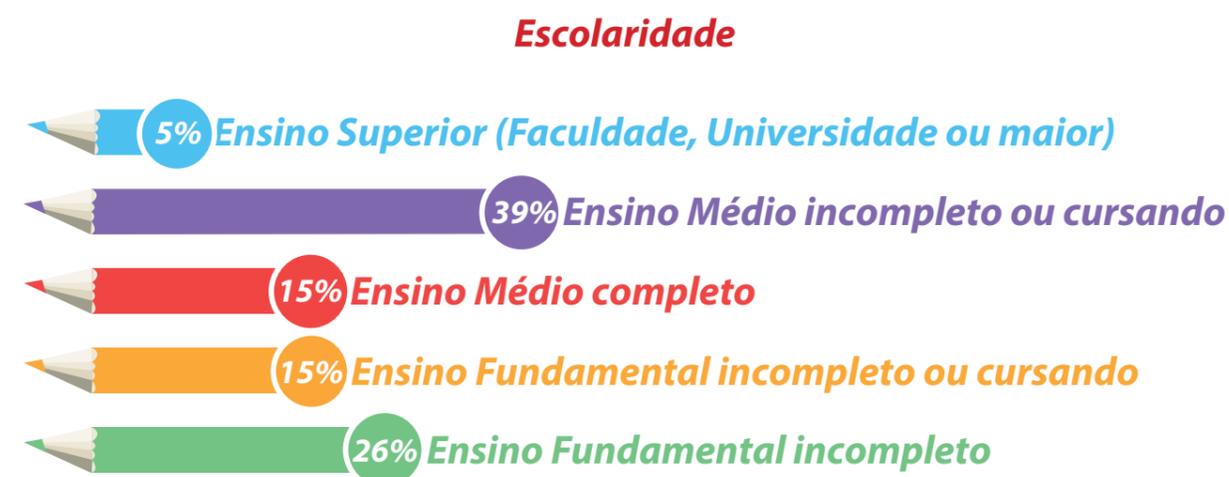
Visto a divisão geográfica por regiões na cidade de Campinas e, conseqüentemente, o direcionamento das políticas públicas de assistência social ser planejado a partir dela, o grupo de atuação achou importante perguntar aos jovens que foram entrevistados qual a região onde moram.



A maioria dos entrevistados mora na região Sudoeste: cerca de 3 a cada 10 jovens ouvidos disseram viver lá, ao passo que pouco mais de 2 a cada 10 declararam morar na região Noroeste. Cerca de 2 a cada 10 vivem na região Sul, e as regiões Norte e Leste foram as que tiveram menor representatividade na consulta participativa de opinião.

Os jovens do grupo de atuação também procuraram saber qual a escolaridade alcançada pelos entrevistados. A maioria dos ouvidos pela consulta participativa declarou ter chegado até o ensino médio: cerca de 4 a cada 10 disseram que possuem o ensino médio incompleto como grau de instrução ou ainda estão cursando esta etapa de escolarização.

Quase 3 a cada 10 jovens entrevistados declaram ter o ensino fundamental completo, e a proporção dos que disseram ter o ensino médio completo se igualou a dos que indicaram estar cursando o ensino fundamental ou terem interrompido este ciclo: cerca de 2 a cada

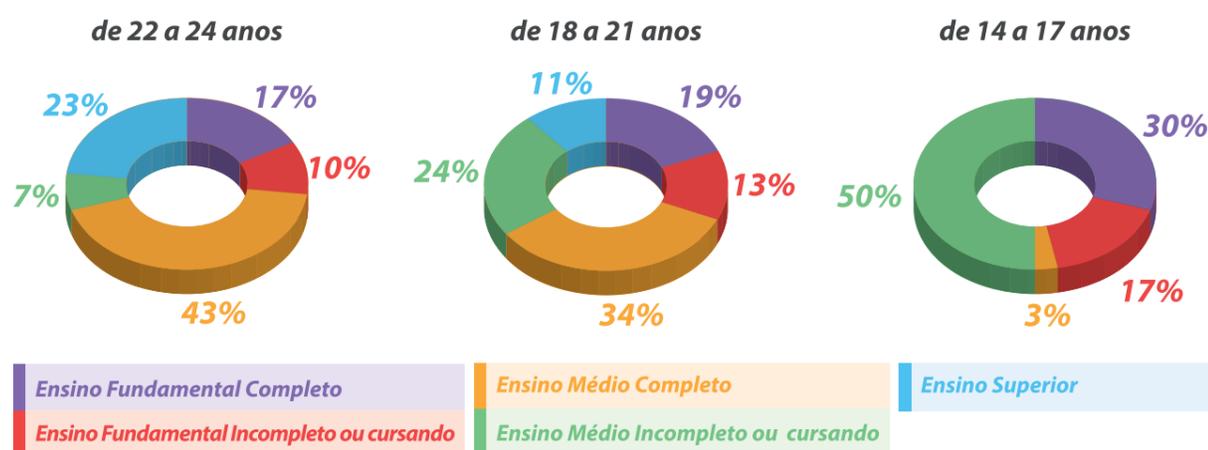


10 consultados. É pequena a proporção dos que disseram ter chegado ao ensino superior (menos de 1 a cada 10).

É muito importante sabermos a escolaridade alcançada pelos entrevistados, porém, melhor ainda é conseguirmos levantar os dados a partir das faixas etárias pelas quais foram subdivididos os jovens ouvidos.

Dentre os que se encontram na faixa de 22 a 24 anos, percebemos que a maior parte tem o ensino médio completo ou chegou ao ensino superior, somando quase 7 a cada 10. No entanto, vale destacar a grande proporção (3 a cada 10) daqueles que pararam de estudar

Faixa Etária x Escolaridade



no ensino fundamental ou não concluíram o ensino médio. Na faixa dos 18 a 21 anos, poderíamos imaginar que, se o acesso à educação superior fosse de fato acessível a todos, grande parte dos jovens com essa idade já poderiam dizer que chegaram à universidade. Contudo, os dados levantados nesta consulta apontam para um número de 1 a cada 10 jovens dizendo que frequentam ou chegaram a frequentar algum curso superior. Ainda nesta faixa etária, quase 6 a cada 10 jovens declararam ter chegado ao ensino médio. Tão preocupante quanto a faixa etária anterior, aqui percebemos que mais de 3 a cada 10 não ultrapassaram o ensino fundamental.

Entre os entrevistados que declararam estar na faixa dos 14 aos 17 anos, percebemos que ela se divide entre os que ainda estão no ensino fundamental e os que já alcançaram o ensino médio. O quadro idade x escolaridade, portanto, chama a atenção para um diagnóstico de abandono ou defasagem escolar entre os jovens ouvidos por este processo de consulta participativa, podendo ter alunos de EJA entre os entrevistados.

Buscou-se saber dos entrevistados, também, se eles tinham filhos.

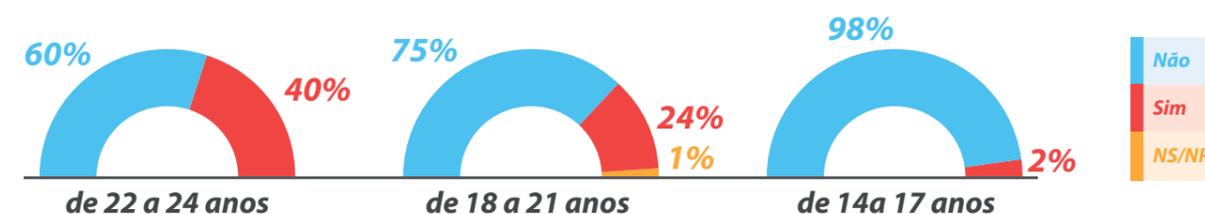
O levantamento indicou uma pequena quantidade (1 a cada 10) de jovens ouvidos que disseram já ter filhos. Contudo, também é interessante observarmos as informações por faixa etária e escolaridade.

Tem filhos?



É perceptível que quanto mais velhos mais jovens têm filhos, tendo um número pequeno de entrevistados que disseram “sim” na faixa dos 14 aos 17 anos. Apesar desse quadro positivo no que diz respeito à idade, quanto à escolaridade percebemos o inverso: os que

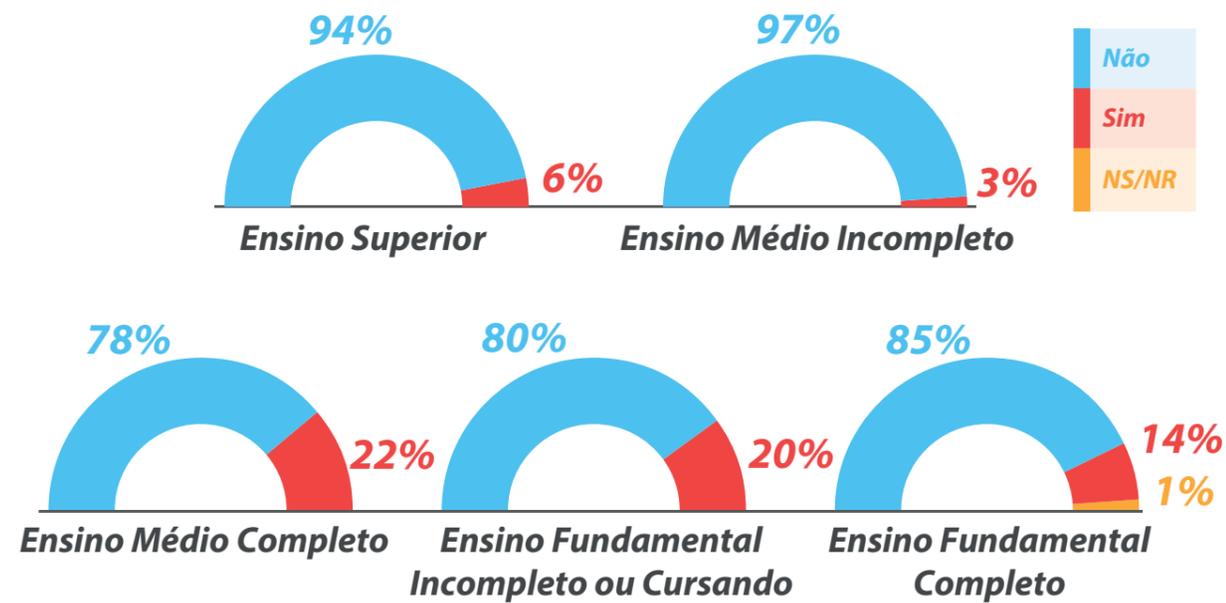
Faixa Etária x Tem filhos?



já acessaram o ensino superior, cuja maioria se encontra na faixa etária dos 22 aos 24 anos, são os que menos disseram ter filhos.

Dentre os que possuem o ensino médio completo e cursam ou interromperam o ensino fundamental, a proporção é de 2 a cada 10 entrevistados. Dentre os ouvidos nesta consulta participativa, percebemos que ter filhos influencia, de alguma maneira, no grau de escolaridade alcançada.

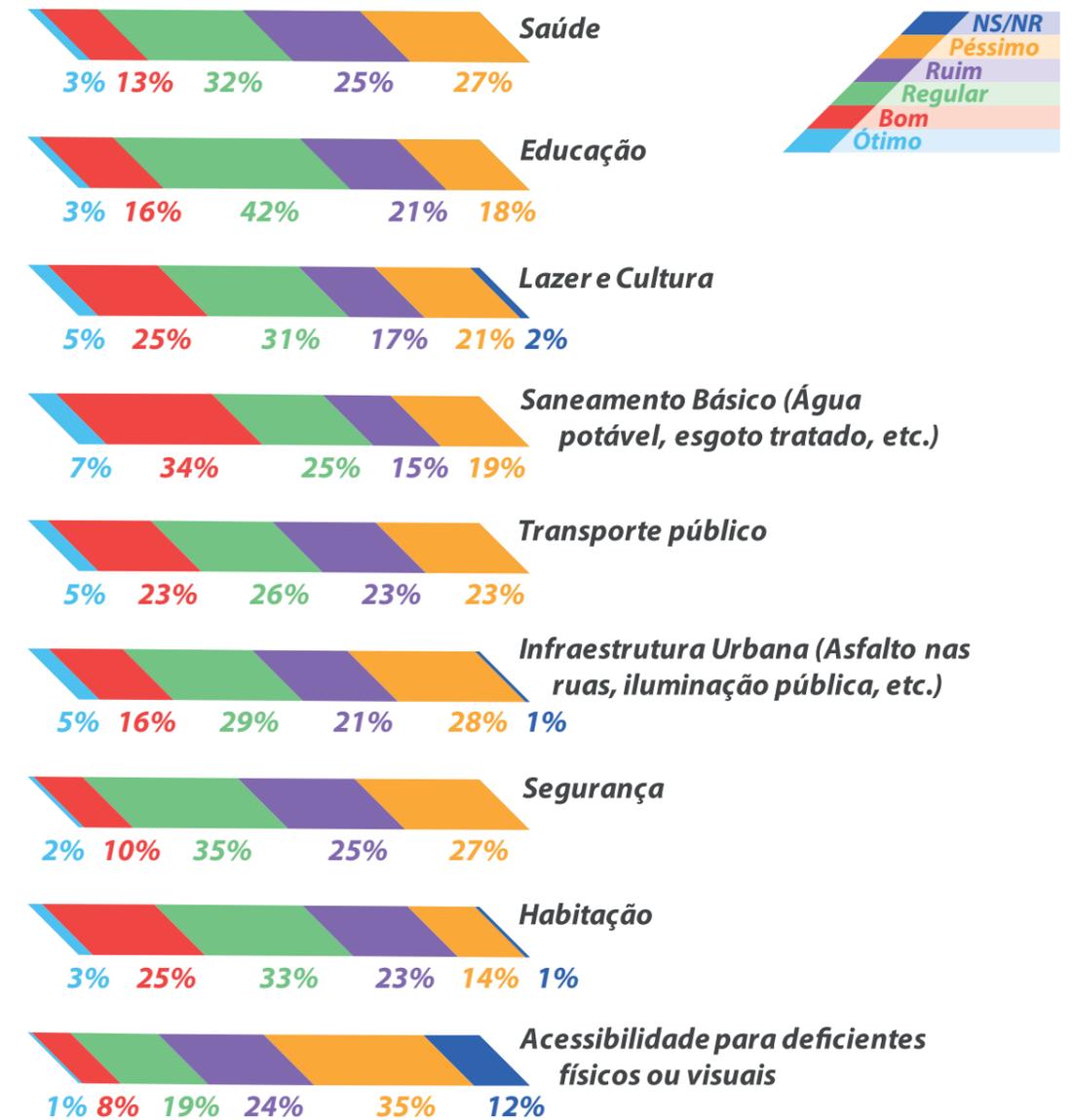
Escolaridade x Tem filhos?



Avaliação da cidade

Como os entrevistados sentem a cidade onde moram? Como acham que podem avaliar, planejar e construir junto com o poder público e as organizações sociais um lugar que dialogue com as perspectivas juvenis?

De modo geral, como você avalia as seguintes áreas na sua cidade?



Percebemos que o público entrevistado vê Campinas, a partir das avaliações de várias temáticas, como uma cidade que pode ser melhor. É visível que muitos pontos são avaliados majoritariamente como ruins ou péssimos, ao passo que são complementados por diversos olhares que dizem que as coisas estão regulares e por uma parte menor que acredita que as coisas vão bem – os que avaliam alguns itens como ótimo são pouquíssimos,

não chegando à proporção de 1 a cada 10 em nenhuma temática.

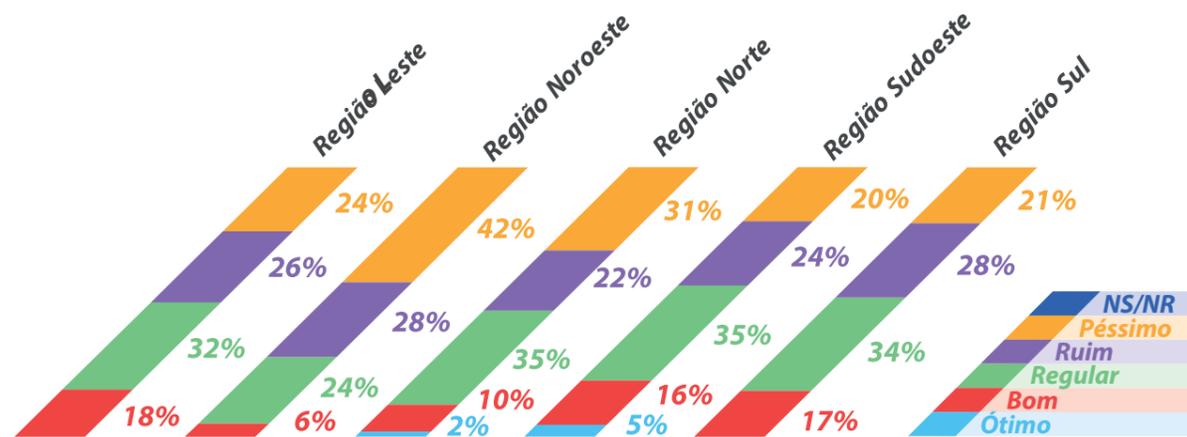
Vale um olhar especial ao item “acessibilidade para deficientes físicos ou visuais”, que foi avaliado por 6 a cada 10 jovens entrevistados como ruim ou péssimo. Outras 4 áreas foram avaliadas por cerca da metade do público ouvido como ruim ou péssimo: Saúde, Transporte público, Infraestrutura Urbana e Segurança.

Contudo, percebemos que em algumas áreas a percepção não é tão pessimista: em Saneamento Básico, por exemplo, vemos que 4 a cada 10 entrevistados avaliam a área como bom ou ótimo. Lazer e cultura e Habitação foram outras duas temáticas as quais o público consultado não avaliou tão negativamente quanto às outras, com números que giram em torno de 3 a cada 10 jovens ouvidos classificando estes tópicos como ótimo ou bom.

A área da educação foi avaliada como ruim ou péssimo para 4 a cada 10 entrevistados, mesmo número dos que a consideram regular.

É importante observarmos as opiniões acerca de alguns aspectos da cidade, também, por região. Afinal de contas, as pessoas tendem a avaliar as temáticas como um todo sempre levando em consideração os ambientes que estão mais próximos à sua realidade, ao seu dia a dia, ao seu bairro.

Como você avalia as seguintes áreas na cidade onde mora? Saúde x Região

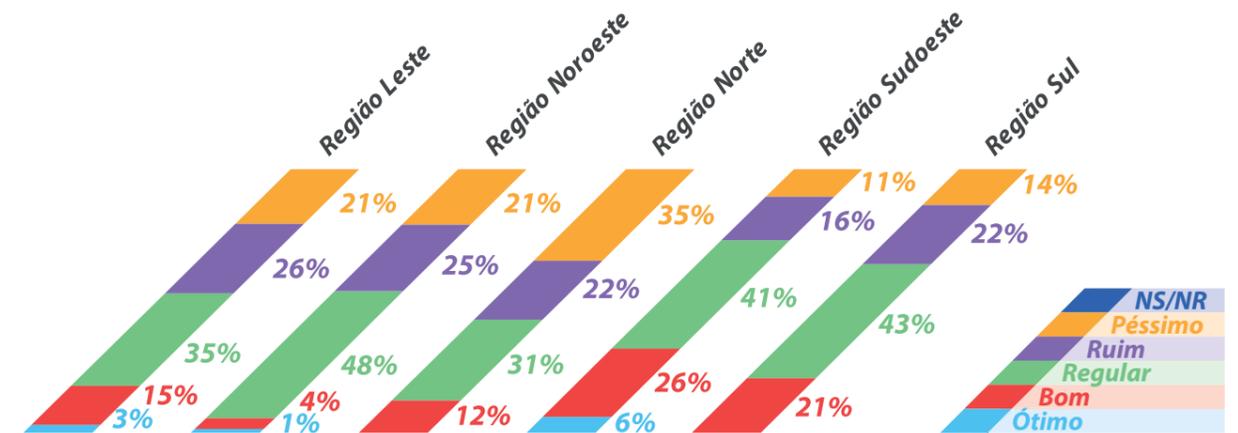


Em relação à saúde, vemos que a região noroeste concentra um número de 7 a cada 10 jovens ouvidos que avaliaram a área como ruim ou péssima, tendo o pior desempenho dentre as outras regiões da cidade. Mais de 2 a cada 10, ainda, consideram a situação regular. Nesta temática, a região Sudoeste é a que foi mais bem avaliada, contudo, ainda temos entre 4 e 5 pessoas a cada 10 entrevistados avaliando a saúde como ruim ou péssima ante cerca de 2 a cada 10 dizendo que a consideram como ótima ou boa.

Em relação à educação, a região Sudoeste é a melhor avaliada na cidade: cerca de 3 a cada

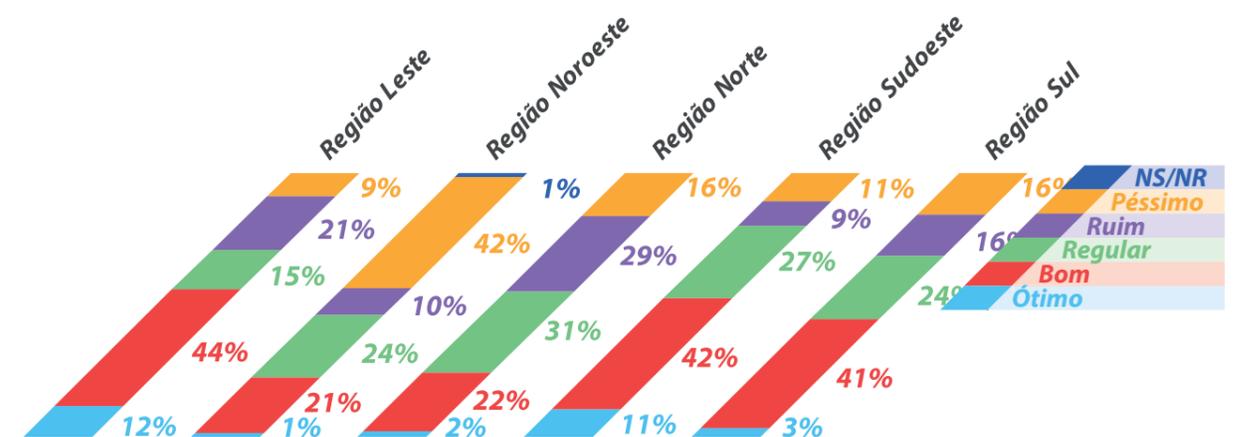
10 entrevistados avaliaram esta área como ótima ou boa. Porém, um alto contingente (4 a cada 10) disse que a situação é regular. O pior desempenho entre os jovens ouvidos ficou com a região Norte: por lá, cerca de 6 a cada 10 consultados consideram a situação péssima ou ruim.

Como você avalia as seguintes áreas na cidade onde mora? Educação x Região



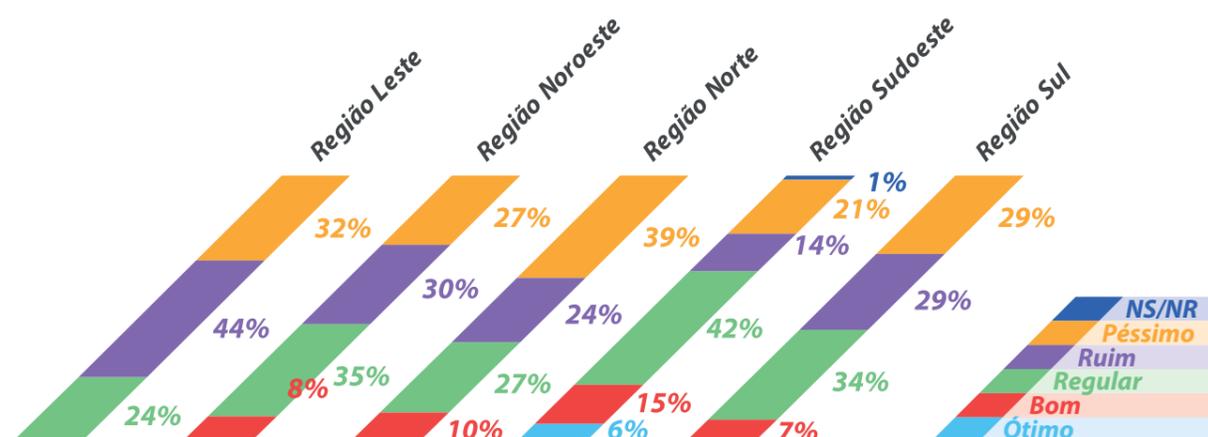
Sobre o saneamento básico, percebemos que cerca da metade dos jovens entrevistados que mora na região Noroeste avalia a área como ruim ou péssima, ante a mesma proporção que, inversamente, avalia o tema como ótimo ou bom nas regiões Leste e Sudoeste.

Como você avalia as seguintes áreas na cidade onde mora? Saneamento Básico x Região

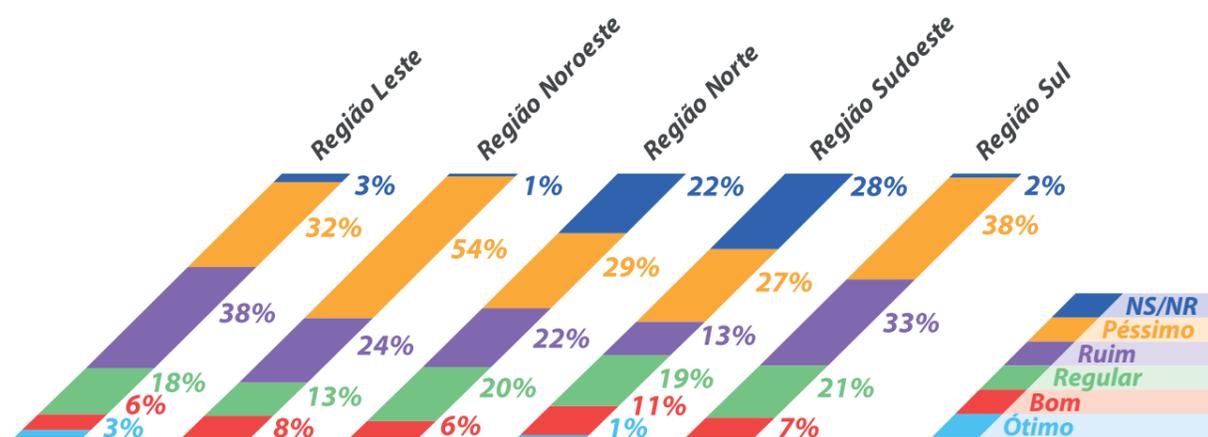


Quanto à segurança, os jovens ouvidos que declararam morar na região Leste avaliam de forma mais negativa que as demais: 7 a cada 10 disseram que a situação é péssima ou ruim. Os entrevistados que moram em outras regiões também passaram uma impressão negativa sobre a temática, contudo, com menos ênfase se comparado à região citada. A exceção ficou com a região Sudoeste – a única que apresenta alguns poucos jovens consultados dizendo que a situação é ótima.

Como você avalia as seguintes áreas na cidade onde mora? Segurança x Região



Como você avalia as seguintes áreas na cidade onde mora? Acessibilidade x Região

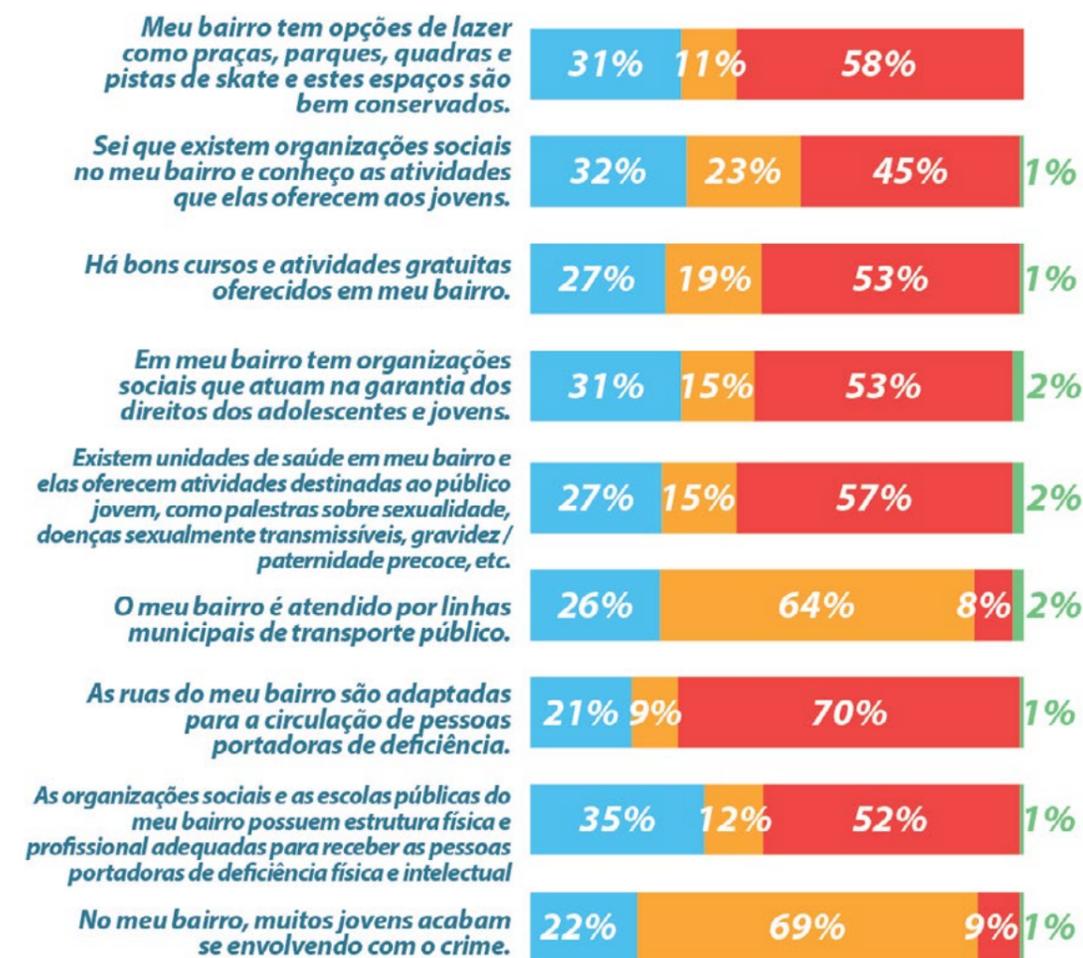


A temática que apresentou as piores percepções dos jovens foi o item relativo à acessibilidade, de maneira geral entre todas as regiões. Porém, salta aos olhos o fato de mais da metade dos entrevistados considerar a acessibilidade como péssima na região Noroeste e o alto número de entrevistados que não souberam o que falar sobre o assunto ou não responderam à questão nas regiões Norte e Sudeste: talvez possamos pensar que o problema não se concentra somente na efetivação de políticas públicas que garantam o direito à acessibilidade para deficientes físicos ou visuais, mas se também não é uma questão de apropriação cultural do cidadão campineiro no acolhimento a essas pessoas, visto que muita gente não soube opinar sobre o assunto.

Os jovens consultados foram ouvidos também sobre suas percepções acerca de algumas

situações sobre o bairro onde moram, mais diretamente. Se na questão anterior expusemos aspectos da cidade ao entrevistado e cruzamos os dados pela região onde ele mora para tentar mensurar o que ele diz por, naturalmente, opinar a partir do que está ao seu redor, desta vez as afirmativas já estavam focadas no bairro.

A seguir tem uma série de frases que descrevem situações sobre o BAIRRO em que você mora. Por favor, diga se você "concorda totalmente", "concorda mais ou menos" ou "discorda".



À afirmativa que procura saber sobre a existência de uma infraestrutura de lazer planejada ao público juvenil, quase 6 a cada 10 entrevistados discordaram do enunciado “meu bairro tem opções de lazer como praças, parques, quadras e pistas de skate e estes espaços são bem conservados”.

Cerca da metade dos jovens ouvidos disseram discordar das seguintes afirmações: “sei que existem organizações sociais no meu bairro e conheço as atividades que elas oferecem aos jovens”, “há bons cursos e atividades gratuitas oferecidas em meu bairro”, “em meu bairro têm organizações sociais que atuam na garantia dos direitos de adolescentes e jovens” e “existem unidades de saúde no meu bairro e elas oferecem atividades direcionadas ao público jovem”.

Com isso, podemos ser levados a pensar se os jovens entrevistados não conhecem as atividades oferecidas pelas organizações sociais e unidades de saúde de sua região, por diferentes motivos, ou se realmente estas políticas públicas não estão chegando a todos os que foram ouvidos nesta consulta participativa de opinião.

Cerca de 3 jovens a cada 10 consultados concordaram totalmente frente ao enunciado “o meu bairro é atendido por linhas municipais de transporte público”. Mais de 6 a cada 10 concordaram mais ou menos com a afirmação, o que acaba refletindo as opiniões acerca da temática “transporte na cidade” colhidas na primeira pergunta do questionário da consulta participativa.

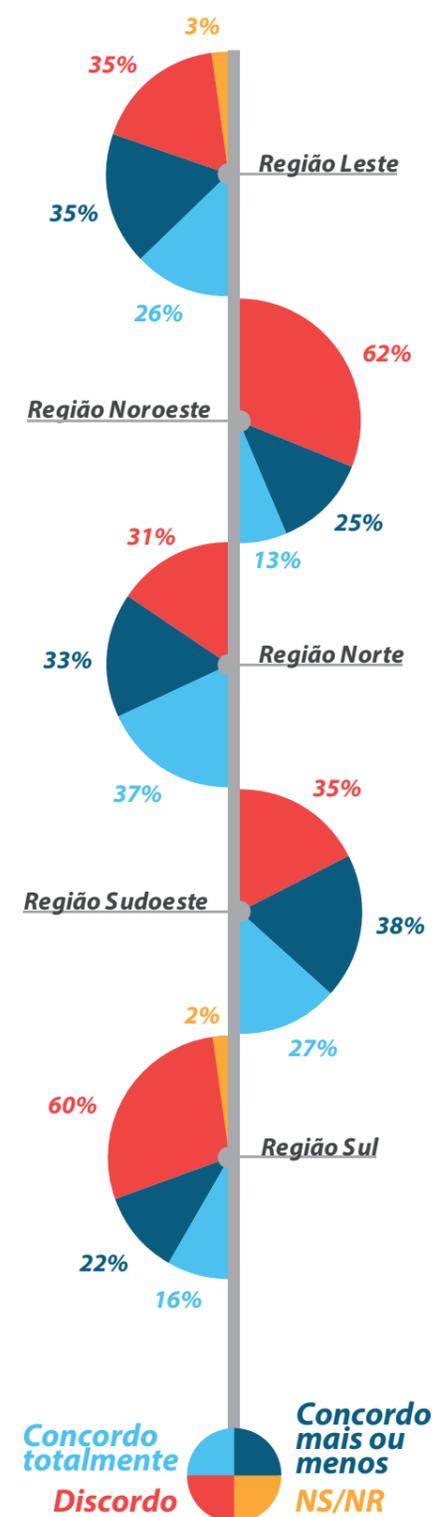
Concordando com os dados expostos nos gráficos anteriores, 7 a cada 10 jovens ouvidos disseram discordar desta afirmativa: “as ruas do meu bairro são adaptadas para a circulação de pessoas portadoras de deficiência”. 2 a cada 10 entrevistados concordaram totalmente, ante cerca de 1 a cada 10 que concordaram mais ou menos com ela.

Mais de 3 a cada 10 concordam totalmente que, em seu bairro, “as organizações sociais e as escolas públicas possuem estrutura física e profissional adequadas para receber as pessoas portadoras de deficiência física e intelectual”, contudo, cerca de 5 a cada 10, ou metade dos entrevistados, discorda deste enunciado.

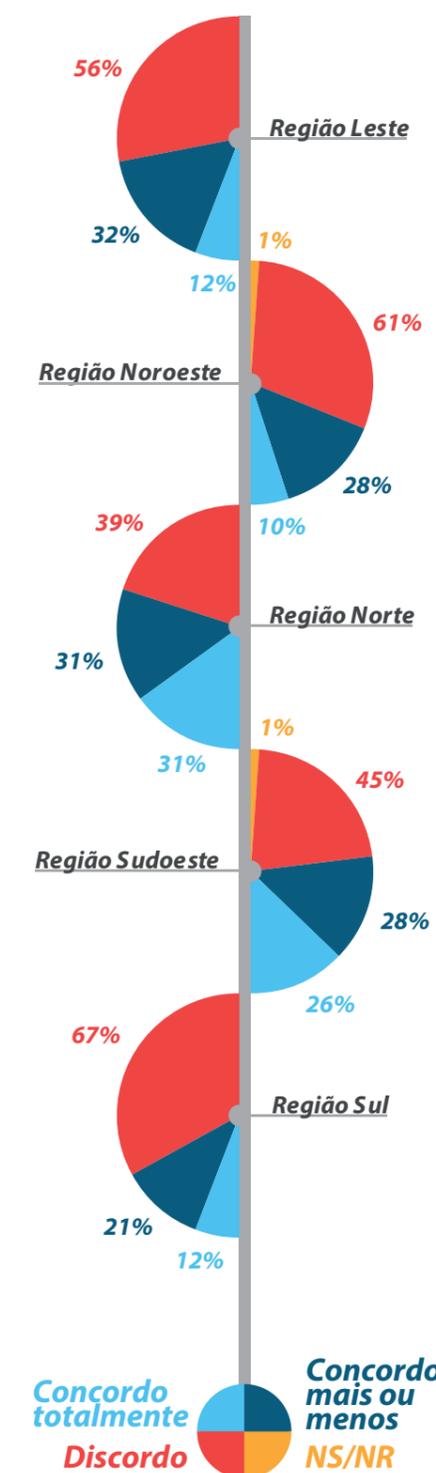
À afirmação de que “no meu bairro muitos jovens acabam se envolvendo com o crime organizado”, cerca de 7 a cada 10 jovens ouvidos por esta consulta participativa disseram concordar mais ou menos com ela, ante cerca de 2 a cada 10 que disseram concordar totalmente e 1 a cada 10, discordar. Por mais que o número dos que concordam totalmente não seja tão elevado, concordar mais ou menos com este enunciado ainda nos leva a pensar com preocupação acerca da situação apresentada.

Visto que muitas questões são avaliadas negativamente, ou seja, com um alto número de jovens ouvidos discordando delas, aqui também é interessante cruzarmos alguns dados por região para sabermos onde vivem os entrevistados que têm essas percepções.

Sei que existem organizações sociais no meu bairro e conheço as atividades que elas oferecem aos jovens x Região



Há bons cursos e atividades gratuitas oferecidos em meu bairro x Região



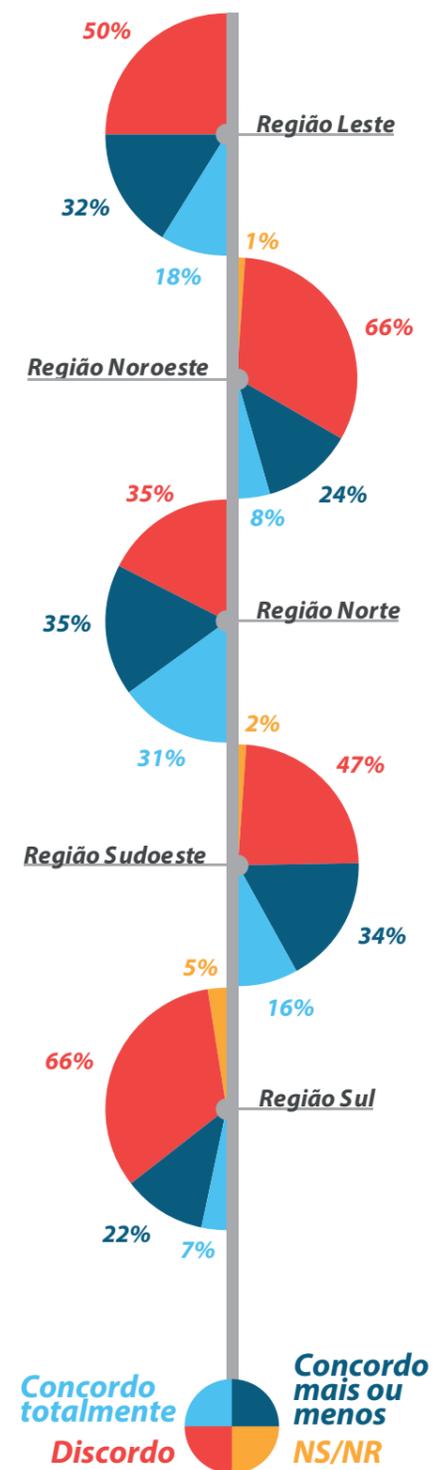
Sobre a afirmativa “sei que existem organizações sociais no meu bairro e conheço as atividades que elas oferecem aos jovens”, por exemplo, é perceptível uma forte disparidade entre as regiões: na Noroeste e na Sul, temos um número de 6 a cada 10 jovens entrevistados dizendo que discorda desse enunciado. A região Norte teve o maior número de consultados que concorda totalmente com a afirmação: quase 4 a cada 10 pessoas ouvidas, tendo ainda pouco mais de 3 a cada 10 delas dizendo que concorda mais ou menos.

Nas regiões Leste e Sudoeste as opiniões apareceram de forma mais equilibrada, contudo, com leve inclinação mais negativa.

Quanto à afirmação de que “há bons cursos e atividades gratuitas oferecidos em meu bairro”, vemos mais uma vez os jovens entrevistados dizerem que discordam, majoritariamente, nas regiões Sul e Noroeste, em mais de 6 a cada 10 consultados. A região Norte aparece mais uma vez como melhor avaliada neste aspecto, mas ainda com quase 4 a cada 10 de discordâncias. Aqui, parece-nos que a questão de serem bons cursos está muito mais ligada à existência deles. Contudo, a porcentagem dos que discordam quanto à existência de bons cursos é ligeiramente maior.

A afirmativa “em meu bairro tem organizações sociais que atuam na garantia dos direitos dos adolescentes e jovens” segue a tendência dos dois últimos enunciados, tendo quase 7 a cada 10 jovens entrevistados afirmando que discordam dela nas regiões Noroeste e Sul. Mesmo

Em meu bairro tem organizações sociais que atuam na garantia dos direitos dos adolescentes e jovens x Região



com um número menor discordando deste item, as regiões Leste e Sudoeste acompanham esta tendência negativa, com metade dos consultados na pesquisa discordando da afirmação. Os jovens moradores da região Norte, mais uma vez, ficaram divididos.

A leitura dessas afirmativas aponta para uma necessidade de, senão uma maior presença das organizações sociais em determinadas regiões, uma divulgação do que é oferecido de forma mais eficiente, a fim de que os jovens que aqui demonstraram desconhecer as atividades propostas pelas ONGs possam tomar conhecimento e, talvez, acessar as políticas.

Quais as três principais maneiras através das quais você fica sabendo das atividades ou oportunidades que acontecem no seu bairro? (marque até três respostas)



Pensando justamente em divulgação e em que caminhos seguir para ampliar o acesso do público juvenil ao que é oferecido em políticas públicas e opções de lazer e atividades, os jovens foram consultados sobre os canais nos quais buscam informações sobre as oportunidades e eventos que acontecem em seu bairro.

O boca a boca foi apontado como a maneira a qual os jovens entrevistados mais ficam sabendo do que acontecem em seu bairro (7 a cada 10). Mas, para alguém contar para outro algo que sabe, precisa saber de alguma outra fonte o que anda acontecendo na sua região, correto? Pois bem, o Facebook foi apontado por cerca de 6 a cada 10 jovens como a principal fonte de informação para tanto.

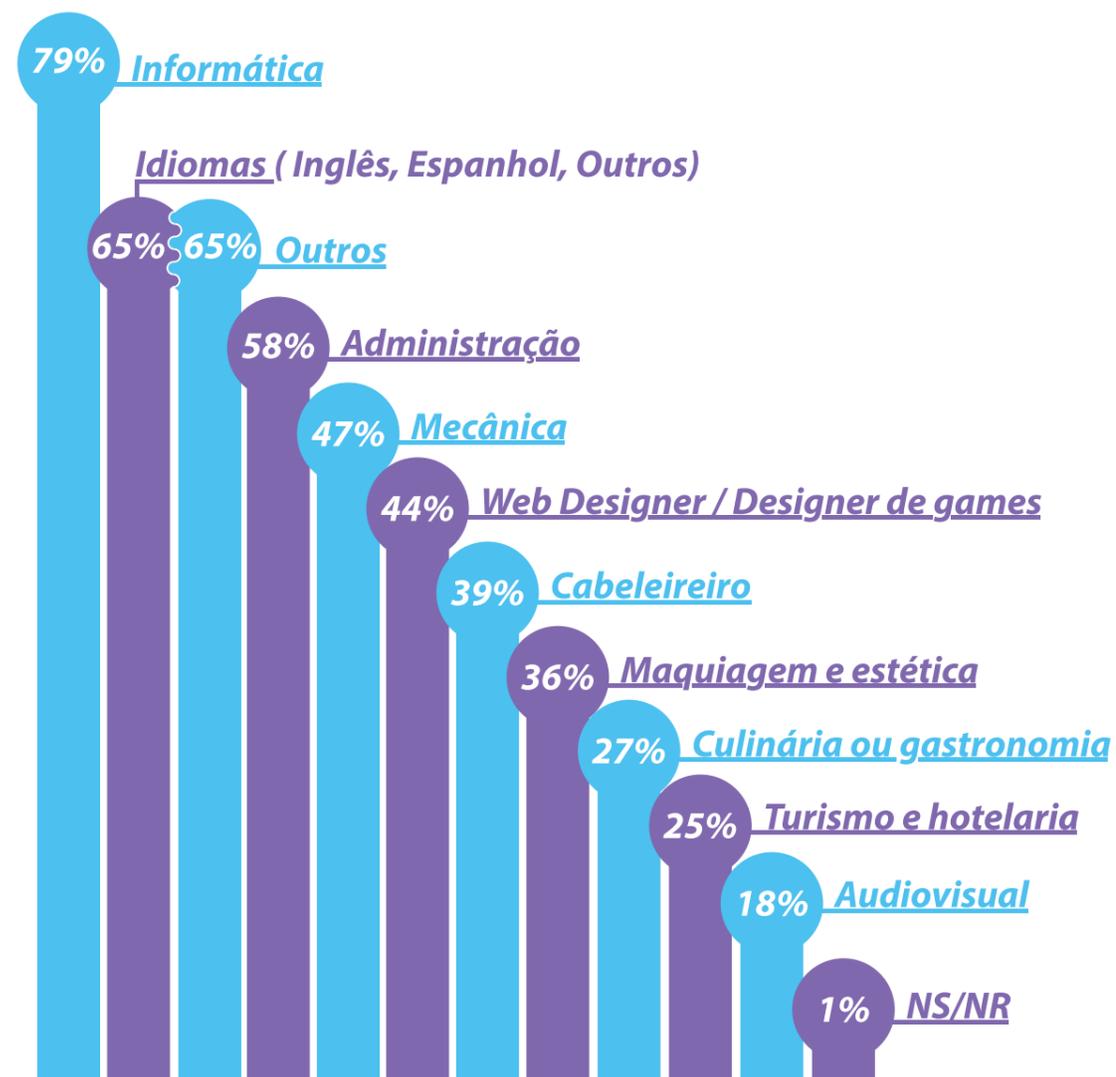
As duas opções que se seguiram como os principais meios para saber sobre o que anda acontecendo no bairro foram os Jornais ou Revistas e os Panfletos ou Cartazes, tendo quase 4 a cada 10 jovens indicando esses meios como fonte de informação.

Depois destas opções, vemos que outra maneira tradicional de se comunicar, o Rádio, ainda se mostra presente no dia a dia da juventude entrevistada (2 a cada 10). Outras formas alcançam no máximo 1 a cada 10 jovens ouvidos.

O universo jovem e a educação

Foi perguntado aos jovens, também, quais cursos profissionalizantes eles e outros de sua idade, moradores de seu bairro, teriam interesse em fazer.

Pensando em cursos profissionalizantes, quais desses você acha que os adolescentes e jovens de seu bairro tem interesse em fazer? (marque quantas quiser)



Cursos voltados às exigências atuais do mercado de trabalho tradicional foram os mais apontados pelos entrevistados: cerca de 8 a cada 10 indicaram o interesse por informática, por volta de 6 a cada 10 pelo aprendizado em idiomas e administração.

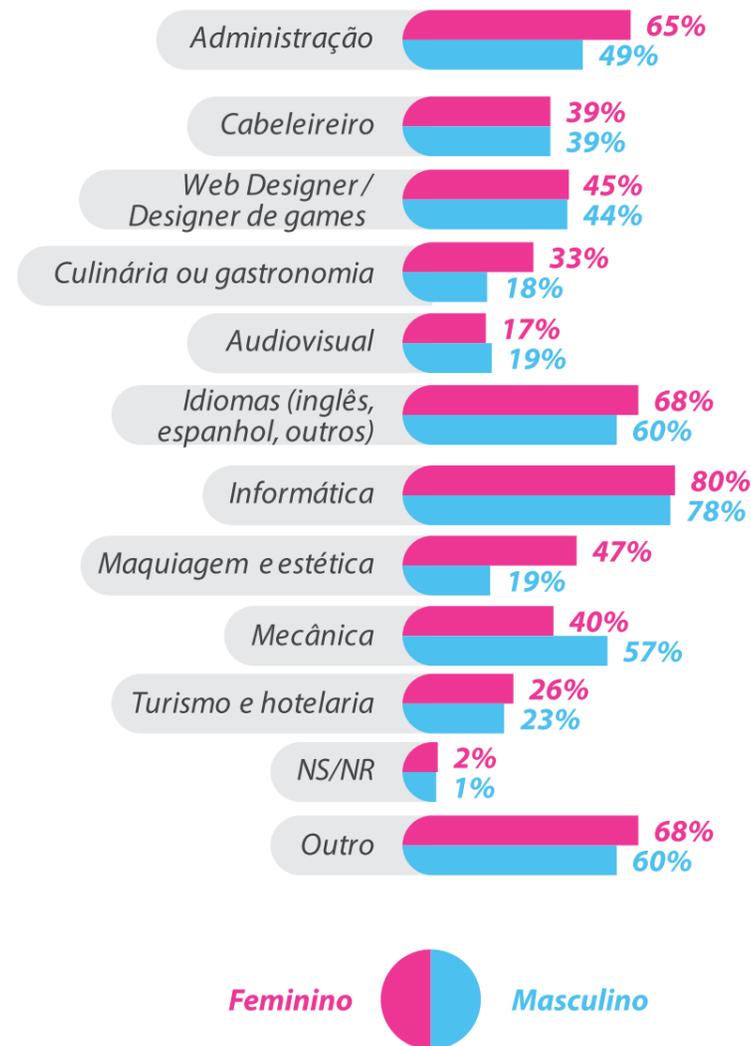
Mais de 4 a cada 10 ouvidos disseram que a juventude também se interessaria por mecânica e web designer ou design de games. Mesma quantidade que faria um curso de cabeleireiro e maquiagem e estética. Culinária ou gastronomia e turismo e hotelaria foram apontados

por quase 3 a cada 10 jovens. O curso de audiovisual foi indicado por quase 2 a cada 10 consultados. Percebe-se aqui uma abertura para outros serviços, pouco explorados até hoje entre jovens.

Um alto número de jovens declarou que faria outros cursos, talvez pela falta de serem colocadas mais opções profissionalizantes, porém, pode ser um indicativo de que os cursos tradicionais de inserção no mercado de trabalho seriam preteridos por outros que indicassem novas perspectivas profissionais.

Poucas são as variações de preferência por idade, mas vale dizer que os dados mostraram

Pensando em cursos profissionalizantes, quais desses você acha que os adolescentes e os jovens de seu bairro têm interesse em fazer? (marque quantas quiser) x Sexo



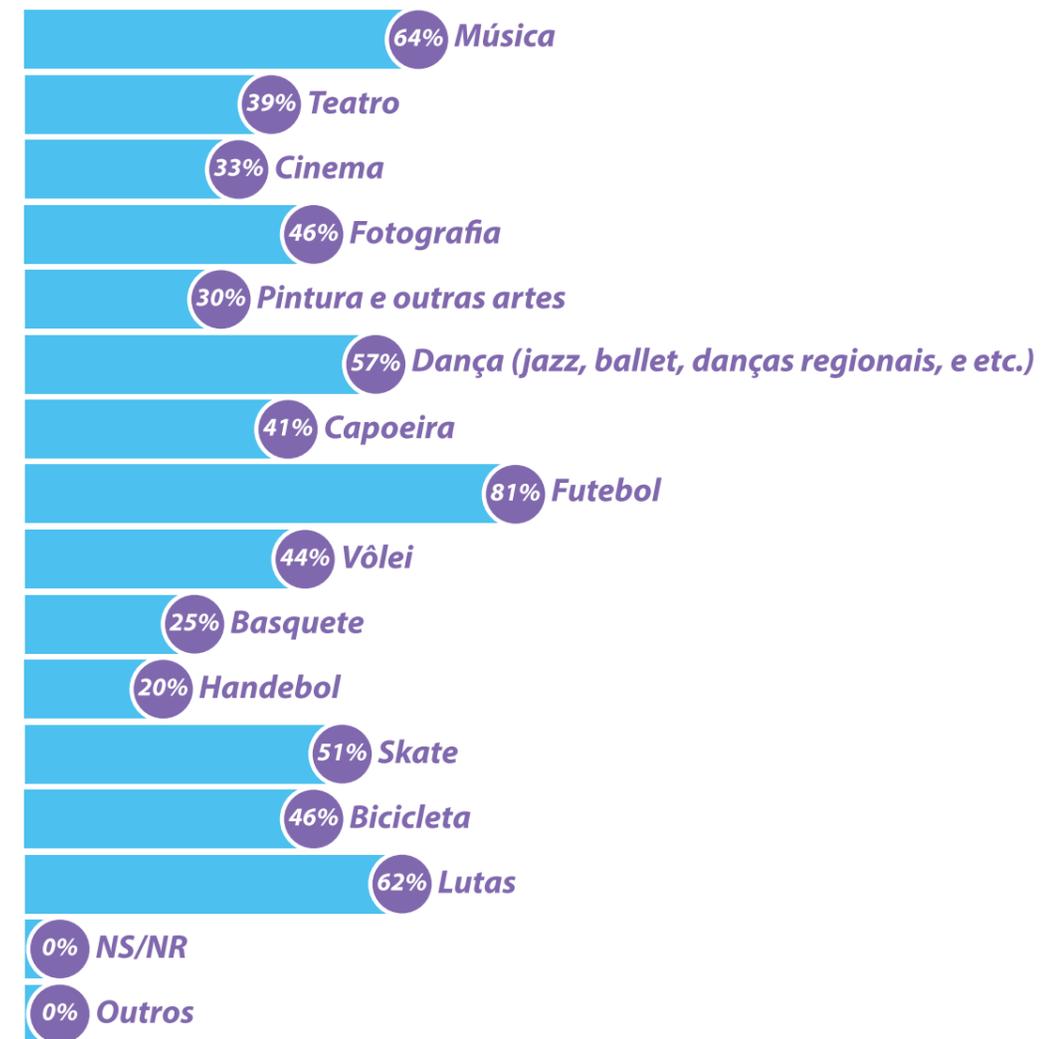
que quanto mais novos mais populares os cursos de web designer ou design de games e culinária e gastronomia. Na primeira faixa etária, temos cerca de 4 a cada 10 jovens ouvidos dizendo que gostariam de cursá-los; na segunda, entre 4 e 5 a cada 10 consultados. Vale observar as variações de preferências por sexo.

Não percebemos diferença significativa entre os que apontaram o interesse pelo curso de informática. Contudo, percebemos que em idiomas há uma preferência um pouco maior entre jovens do sexo feminino; ao passo que administração apresenta uma diferença significativa: quase 7 a cada 10 contra cerca de 5 a cada 10 do sexo masculino.

Entre os cursos que classicamente apresentam diferenças entre homens e mulheres, como “maquiagem e estética” e “mecânica”, no primeiro o abismo entre as

preferências se confirmou: cerca de 5 a cada 10 jovens do sexo feminino pensam que esse curso é interessante para ser oferecido, ante 2 a cada 10 do sexo masculino. Para mecânica, entretanto, a diferença aparece um pouco mais suavizada: o número é de 4 para cada 10 jovens do sexo feminino, ante menos de 6 para cada 10 jovens do sexo masculino.

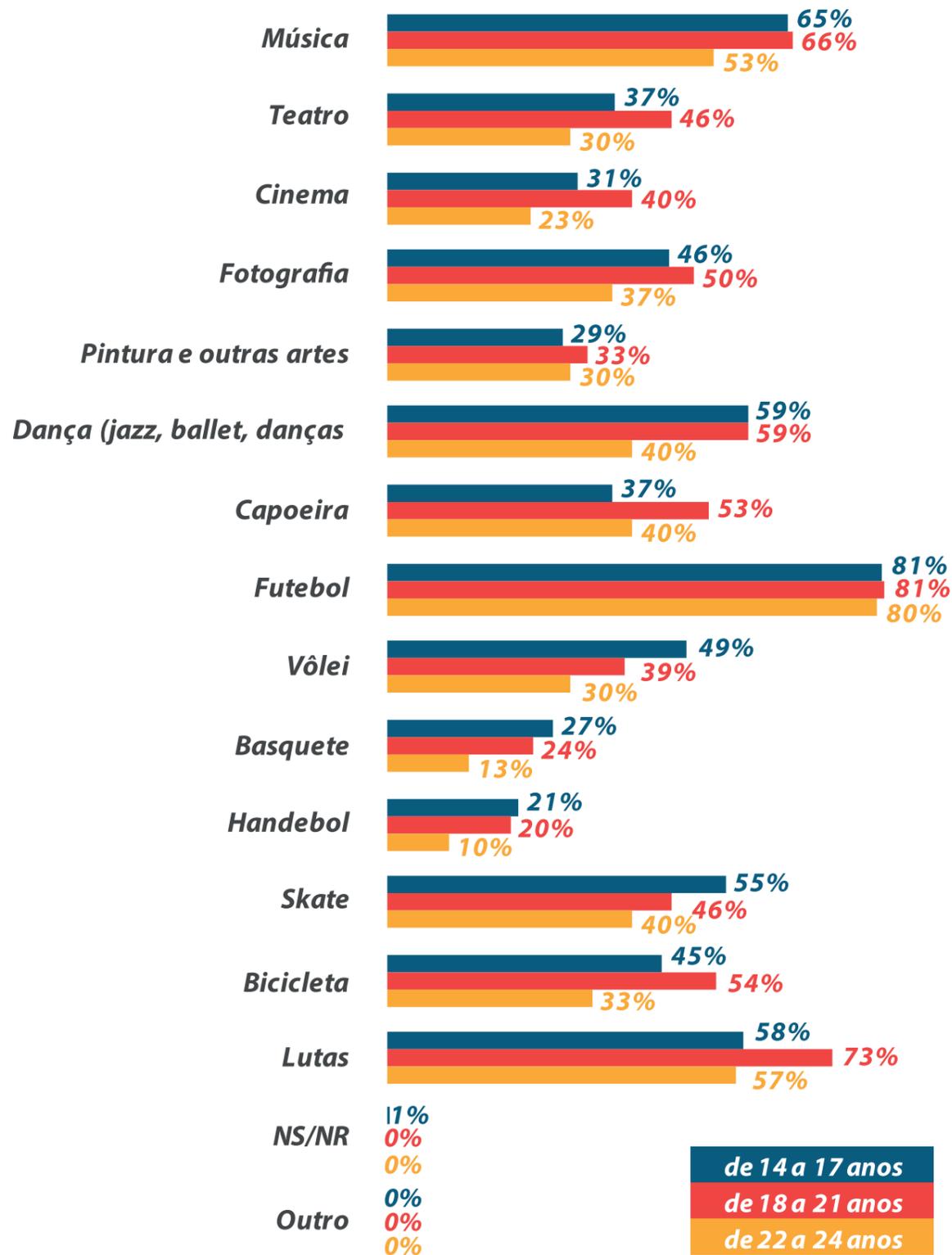
Pensando em cursos e atividades culturais e esportivas, quais desses você acha que os adolescentes e jovens de seu bairro têm interesse em fazer? (marque quantas quiser)



Inspirada na pergunta elaborada focando cursos profissionalizantes, uma questão sobre a preferência em cursos ligados a atividades culturais e esportivas também foi elaborada.

A principal preferência dos jovens entrevistados não traz muita novidade: 8 a cada 10 jovens ouvidos disse que eles e outros de seu bairro se interessariam por cursos ligados ao futebol. Mas é interessante avaliar o quanto o leque de interesses é muito mais amplo, apontando muito mais alternativas culturais e esportivas.

Pensando em cursos e atividades culturais e esportivas, quais desses você acha que os adolescentes e jovens de seu bairro têm interesse em fazer? (marque quantas quiser) x Faixa etária



Os dois próximos que apareceram com maior entusiasmo (mais de 6 a cada 10 entrevistados) foram música e lutas. Podemos ligar o alto número dos que opinaram pelas lutas à recente popularização de algumas modalidades do esporte no país.

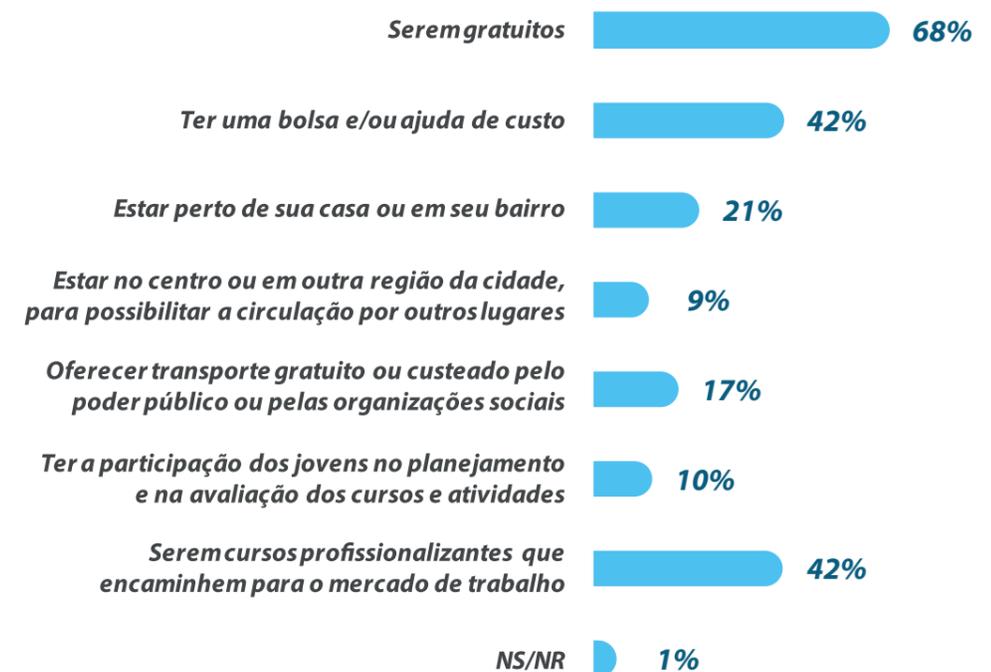
Mais de 5 a cada 10 entrevistados também manifestaram suas preferências por dança e skate. Pouco menos de 4 a cada 10 jovens declararam que o interesse da juventude também está em atividades como fotografia, bike, vôlei e capoeira. Teatro, cinema, pintura e outras artes são apontados por uma proporção menor (cerca de 3 a cada 10), mas ainda assim se mostram populares.

Basquete e handebol foram os que tiveram menos apontamentos como preferidos pelos jovens para frequentarem cursos, porém, não deixam de ser representativos (2 a cada 10).

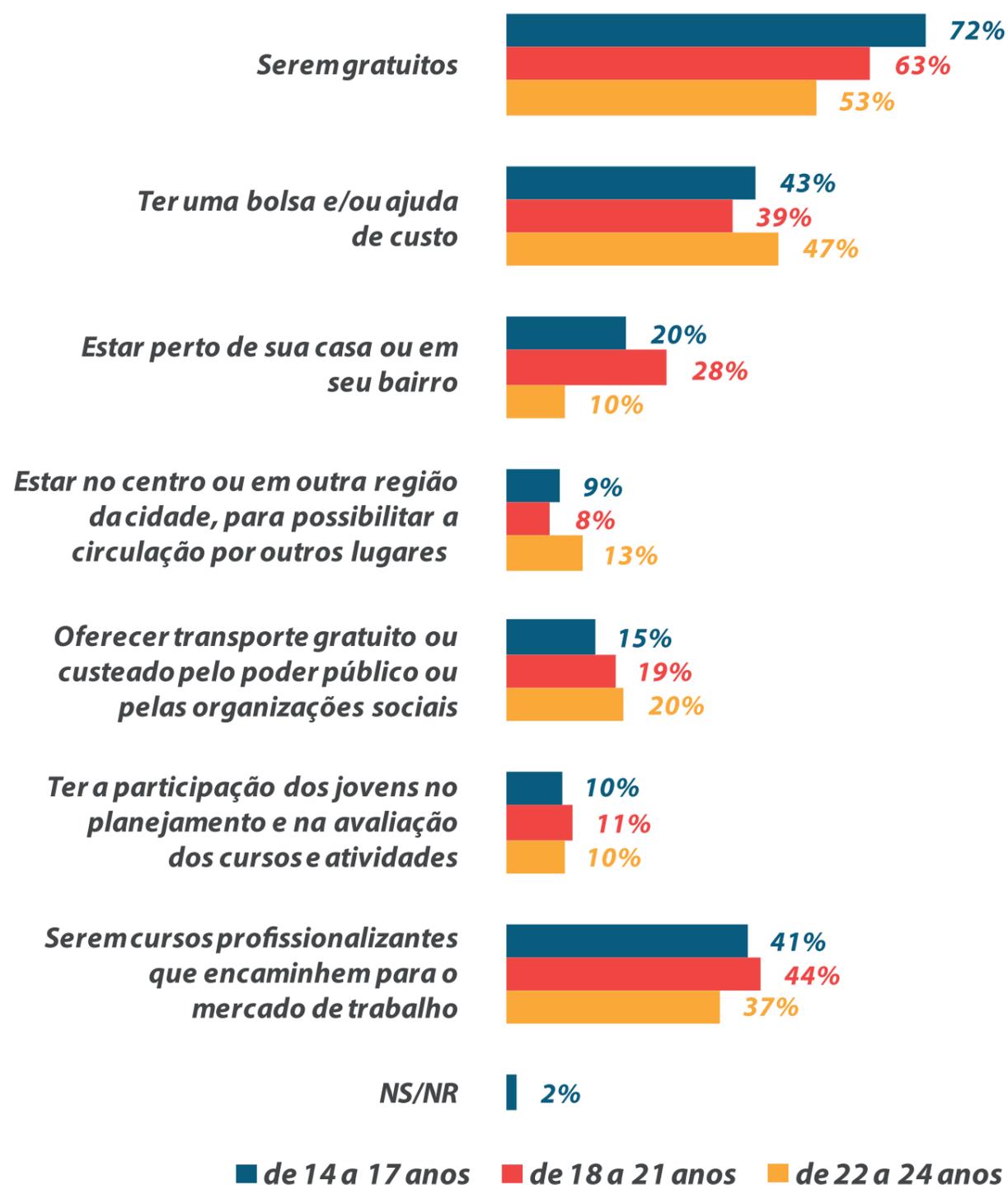
Interessante observarmos que muitos jovens disseram se interessar por cursos ligados às artes, fotografia, cinema e teatro. São opções que nem sempre vemos sendo oferecidas gratuitamente e podem ampliar não só um repertório artístico e lúdico de cada um, mas também o potencial para abrir possibilidades profissionais que não são necessariamente ligadas àquelas que o mercado de trabalho apresenta aos jovens nos dias de hoje.

É possível perceber que algumas atividades apresentam diferentes níveis de preferência a partir da faixa etária.

Quais você acha que são os DOIS PRINCIPAIS estímulos para os adolescentes e jovens frequentarem ou participarem de cursos profissionalizantes e atividades culturais, de lazer ou esportivas? (marque apenas DUAS respostas)



Quais você acha que são os DOIS PRINCIPAIS estímulos para os adolescentes e jovens frequentarem ou participarem de cursos profissionalizantes e atividades culturais, de lazer ou esportivas? (marque apenas DUAS respostas) x Faixa etária



Dentre as atividades mais ligadas a artes visuais, cursos como teatro, cinema e fotografia foram preferidos pela faixa etária dos 18 aos 21 anos, enquanto pintura e outras artes não apresentaram diferença significativa entre os grupos etários, para falarmos sobre as possibilidades as quais comentávamos há pouco.

Atividades ligadas à música e dança têm seus maiores admiradores listados nas duas primeiras faixas etárias, enquanto atividades ligadas a esportes tradicionais (vôlei, basquete e handebol) – com exceção do futebol, tendo apaixonados em todos os grupos etários – tem seus seguidores diminuindo quanto mais aumenta a idade pesquisada; o skate também segue esta tendência. Já cursos ligados a lutas e bike são preferidos pela faixa etária dos 18 aos 21 anos.

Também foi perguntado aos jovens ouvidos por esta consulta participativa de opinião quais os principais estímulos que eles teriam para frequentar os cursos e atividades de áreas profissionalizantes, culturais e esportivas.

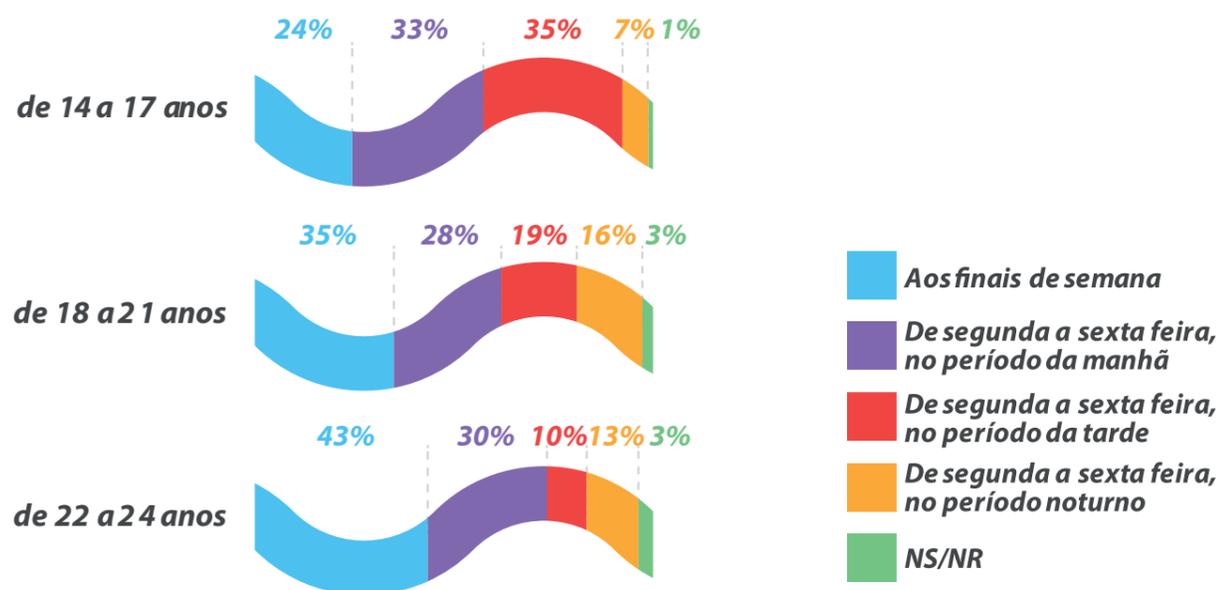
O maior estímulo passa pela gratuidade dos cursos, o que estimularia um número de 7 a cada 10 jovens a frequentá-los. Ainda na linha de custeio, ter uma bolsa ou ajuda de custo foi indicado por 4 a cada 10 jovens entrevistados, ficando empatado com o fato de serem cursos profissionalizantes, que encaminhem ao mercado de trabalho. Ou seja, percebe-se uma preocupação econômica entre os jovens, seja em seu momento atual ou seja em seu futuro.

Qual você acha que é a melhor opção de dia e horário para que adolescentes e jovens frequentem cursos (profissionalizantes e ligados à cultura) e atividades culturais e de lazer ou esportivas? (apenas uma resposta)



Cerca de 2 a cada 10 consultados disseram que os motivos que os estimulariam a frequentar os cursos e as atividades listadas anteriormente seriam eles estarem perto de sua casa ou em seu bairro e oferecerem transporte gratuito ou custeado por organizações sociais ou poder público.

Qual você acha que é a melhor opção de dia e horário para que adolescentes e jovens frequentem cursos (profissionalizantes e ligados à cultura), atividades culturais e de lazer ou esportivas? (apenas uma resposta) x Faixa etária



1 a cada 10 jovens disseram, ainda, que os estimulariam a participar de tudo isso se as atividades e cursos tivessem a participação dos próprios jovens em seu planejamento e avaliação e se os cursos fossem no centro ou em outras regiões da cidade, para que eles pudessem circular mais por ela.

Aqui, também, é interessante analisarmos os dados por faixa etária.

Percebemos que o fato de os cursos e atividades serem gratuitos, apesar de ser uma opinião maciça entre todas as faixas etárias, vem perdendo força quanto maior a idade – os mais novos, portanto, demonstraram mais fortemente o desejo de serem oferecidas atividades gratuitas. Ao mesmo tempo, pouca diferença entre as faixas etárias teve a opção de ter bolsa de estudos ou ajuda de custo, contudo, ainda, temos a maior faixa etária como a que mais aponta poder abrir mão disso. Podemos elencar vários motivos para isso acontecer: as diferentes possibilidades de acesso ao mercado de trabalho, a questão de estar ou não estudando conforme a idade, entre outras.

Estar perto de casa ou no bairro é exigência que aparece um pouco mais nas duas primeiras faixas etárias – o maior grupo etário pode abrir mão disso de uma forma mais tranquila, talvez, pelos motivos já explicitados. A questão de conhecer novos espaços da cidade não possui tanta relevância na escolha e também não apresenta disparidade entre as faixas etárias as quais os jovens ouvidos foram divididos nesta consulta participativa. As demais

A seguir tem uma série de frases que descrevem situações positivas sobre diversos assuntos da área de educação na cidade. Por favor, diga se você “concorda totalmente”, “concorda mais ou menos” ou “discorda”.



alternativas também não apresentaram oscilações significativas entre os grupos.

Ainda sobre todas essas opções de cursos, buscou-se saber dos jovens quais eram suas preferências por dias e horários para frequentá-los.

As opções por frequentar as atividades ou os cursos aos finais de semana, nos dias de semana pela manhã ou à tarde ficaram bastante divididas. O período noturno, em dias da semana, foi o menos preferido: apenas 1 a cada 10 entrevistados escolheram essa opção.

É possível visualizar as opções, também, por faixa etária:

A preferência pelos finais de semana para serem utilizados na frequência às atividades de lazer, culturais, esportivas ou profissionalizantes é mais demonstrada conforme aumenta a faixa etária do jovem entrevistado. Quanto ao período da manhã, nos dias de semana, não temos diferença significativa entre as 3 faixas etárias. Contudo, no período da tarde, percebemos que quanto menor a faixa etária, maior a disponibilidade para frequentar atividades ou cursos neste horário. O período noturno não apresenta oscilações tão grandes, mas aqueles entre 18 a 21 anos são os que mais o preferem.

A temática da educação, que despertou muitos debates no grupo de atuação, também foi abordada nesta consulta participativa de opinião.

A partir de vários enunciados acerca da educação na cidade de Campinas, os jovens entrevistados deveriam dizer se concordavam totalmente, concordavam mais ou menos ou discordavam de cada um deles. A temática foi muito debatida pelo grupo de atuação nas oficinas de formulação de pergunta-guia e hipóteses e por isso a opção pela elaboração de questões que abrangessem o universo das escolas no município.

À primeira afirmativa, “a estrutura física das escolas públicas é adequada ao número de alunos matriculados e possui materiais pedagógicos e esportivos suficientes para a realização das atividades propostas”, cerca de 4 a cada 10 jovens entrevistados disseram concordar totalmente com ela, ante o mesmo número que discordou. Por região de moradia, a Sudoeste foi a melhor avaliada do item, com metade dos jovens ouvidos dizendo que concorda totalmente com o enunciado.

A afirmação seguinte procurou buscar opiniões acerca de atividades oferecidas no contraturno escolar: “as escolas públicas oferecem atividades abertas aos alunos fora do horário das aulas, (por exemplo, ligadas à cultura e ao mundo do trabalho)”. Mais da metade dos jovens ouvidos disse discordar da alternativa. A região Leste foi a que mais teve avaliação mais negativa: 7 a cada 10 discordam.

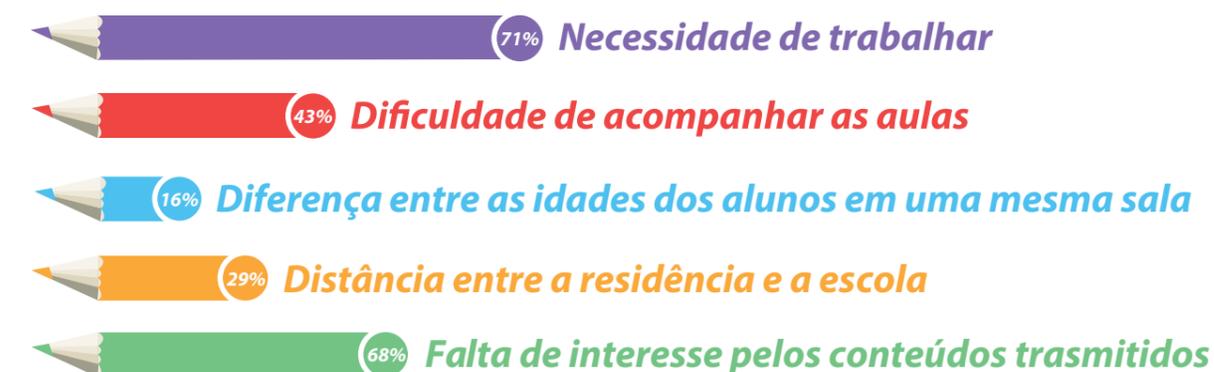
Ainda sobre o contraturno, foi apresentada a afirmativa “as escolas públicas permitem que os alunos frequentem espaços como a biblioteca, a sala de informática e a quadra fora do horário das aulas”. Com avaliação também predominantemente negativa, quase 5 a cada

10 entrevistados disseram discordar, contra um número entre 3 e 4 a cada 10 consultados que disseram concordar totalmente.

A questão da participação social dos jovens na adesão, elaboração e avaliação de políticas públicas, inclusive na área de educação, foi uma temática que gerou diversos debates no grupo de atuação. Para essa questão, “os estudantes se interessam e são participativos quando a escola propõe atividades extracurriculares”, a avaliação foi bastante positiva: 6 a cada 10 jovens ouvidos disseram concordar totalmente. Coloca-se aqui uma opinião bastante positiva quanto à vontade de participação, em contraponto com as questões anteriores, que avaliam de forma negativa as possibilidades ou inexistência de espaços de participação desses jovens.

A relação entre os estudantes e corpo profissional da escola foi avaliada positivamente no item “a interação entre diretores, coordenadores, professores e alunos é positiva”: 5 a cada 10

Para você, quais são as causas que levam os jovens a abandonarem os estudos? (marque quantas quiser)



entrevistados apontaram concordar totalmente com ela.

Para tentar captar a percepção dos entrevistados sobre a participação dos pais no processo de aprendizagem, foi elaborada a afirmativa “os pais e/ou responsáveis participam da vida escolar dos estudantes”. Metade dos jovens ouvidos disse concordar totalmente com o enunciado. A outra metade se dividiu entre os que concordaram mais ou menos ou discordaram.

A hipótese de faltas de canais de participação para o público jovem se confirmou quando, ao enunciado “as escolas públicas consultam os alunos para planejar e avaliar as atividades oferecidas”, metade dos entrevistados respondeu discordar.

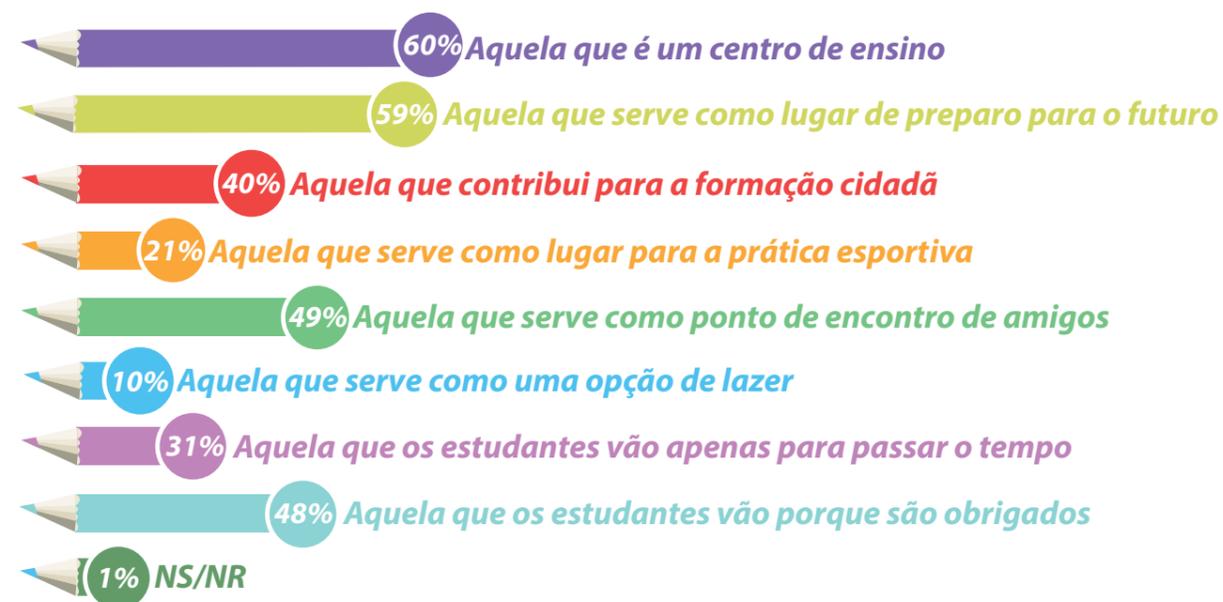
Quanto ao enunciado “é acessível para a maioria dos adolescentes e jovens o ensino superior”, o público entrevistado ficou dividido entre as três alternativas, com uma leve inclinação a concordar totalmente.

A formação acadêmica dos professores e a capacidade deles em atuar no dia a dia escolar

foi muito bem avaliada pelos entrevistados, quando 5 a cada 10 jovens ouvidos disseram concordar totalmente com a afirmativa “os professores possuem boa formação acadêmica e são capacitados para a rotina escolar”.

Não teve uma boa avaliação o enunciado “as escolas oferecem atividades que acompanham os avanços tecnológicos”, visto 6 a cada 10 jovens entrevistados terem discordado dele. Esse item aponta mais uma crítica ao atual modelo escolar, que de acordo com a opinião

Para você, a escola hoje em dia é considerada como: (marque quantas quiser)



desses jovens consultados, não parece dialogar nem com inovações do mundo, nem com os próprios jovens.

Dentro da temática educação, também foi uma inquietação do grupo de atuação o fato de muitos jovens abandonarem os estudos.

Para cerca de 7 a cada 10 jovens entrevistados, os jovens abandonam os estudos, sobretudo, pela “necessidade de trabalhar” e pela “falta de interesse pelos conteúdos transmitidos”. Para cerca de 4 a cada 10, pela “dificuldade em acompanhar as aulas”. Para 3 a cada 10 jovens ouvidos, a “distância entre a residência e a escola” ainda é fator que afasta muitos jovens dos estudos, e pouco menos de 2 a cada 10 entrevistados acreditam que a “diferença entre as idades dos alunos em uma mesma sala de aula” faz estudantes abandonarem a escola.

Por região, os resultados apontaram que a questão da necessidade de trabalhar aparece equilibradamente entre todas as regiões de Campinas. Entretanto, na alternativa que aponta a “dificuldade em acompanhar as aulas”, nas regiões Leste e Noroeste temos uma proporção de

3 a cada 10 jovens ouvidos apontando-a, ante 5 a cada 10 nas demais regiões (Norte, Sudoeste e Sul). As regiões Leste e Noroeste também foram melhor avaliadas na alternativa “diferença entre as idades dos alunos em uma mesma sala de aula”, visto que menos de 1 a cada 10 jovens ouvidos apontou esta alternativa, ante mais que 2 a cada 10 nas outras três regiões.

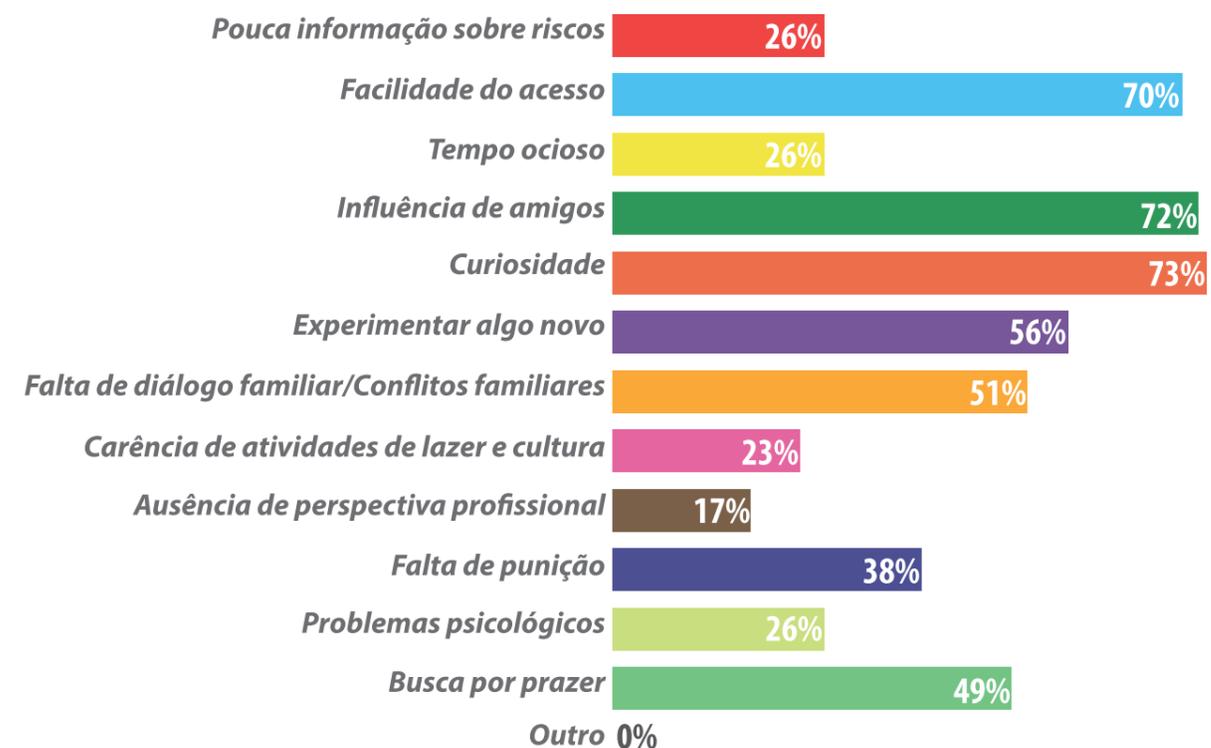
Por idade, vemos que a questão que chamou mais a atenção foi o fato de a falta de interesse pelos conteúdos transmitidos ter sido apontada por cerca de 8 a cada 10 jovens de 14 a 17 anos, ante 5 a cada 10 a terem escolhido nas demais faixas etárias.

Ainda sobre educação, foi formulada uma questão que buscava captar impressões mais gerais acerca da escola como um todo.

Para cerca de 6 a cada 10 jovens ouvidos, a escola ainda é um ambiente considerado “um centro de ensino” e como “lugar de preparo para o futuro”. Para 5 a cada 10 entrevistados, a escola é considerada como “ponto de encontro de amigos”, mas ao mesmo tempo lugar em que “os estudantes vão porque são obrigados”. Para 4 a cada 10 consultados, a escola “contribui para a formação cidadã”. Em menor proporção, 3 a cada 10 jovens ouvidos disseram que a escola é um ambiente que “os estudantes vão apenas para passar o tempo”. A escola enquanto espaço que pode proporcionar outras práticas aparece para poucos: 2 a cada 10 acham que ela “serve como lugar para a prática esportiva” e 1 a cada 10 consultados que apontaram que ela “serve como uma opção de lazer”.

Envolvimento com drogas

Em sua opinião, quais as razões para um jovem usar drogas lícitas (álcool, cigarro, etc.)? (marque quantas quiser)



As duas próximas perguntas do questionário procuravam saber o que os jovens achavam serem motivos para outros de sua idade usar drogas lícitas (álcool, cigarro, etc.) e ilícitas (maconha, cocaína, crack, etc).

As alternativas elencadas para possíveis motivos que levavam os jovens a usarem drogas lícitas foram as mesmas listadas para captar as opiniões sobre as drogas ilícitas, sendo que entre as duas tabelas não foi vista diferença significativa entre os mesmos itens.

Tanto para drogas lícitas como ilícitas, cerca de 7 a cada 10 entrevistados apontaram como motivo para buscá-las a facilidade do acesso, a influência de amigos e a curiosidade. Mais de 5 a cada 10 ouvidos nesta consulta justifica a busca por drogas lícitas ou ilícitas acontece para poder “experimentar algo novo”. A mesma proporção apontou que a “falta de diálogo ou a existência de conflitos familiares” e a “busca por prazer” são motivos que levam outros jovens a utilizarem drogas lícitas ou ilícitas.

Menos popular (4 a cada 10), mas ainda vista como causa, “falta de punição” ainda é motivo para adolescentes e jovens buscarem tais substâncias. Motivos como “pouca informação sobre riscos”, “tempo ocioso”, “carência de atividades de lazer e cultura”, “ausência de perspectiva profissional” e “problemas psicológicos” são os motivos menos identificados para levar os jovens a experimentar drogas lícitas e ilícitas.

Assim como entre drogas lícitas e ilícitas, dividindo as opiniões pelas faixas etárias não são identificadas diferenças significativas na escolha entre uma mesma alternativa.

Em sua opinião, quais as razões para um jovem usar drogas ilícitas (maconha, cocaína, crack, etc.)? (marque quantas quiser)

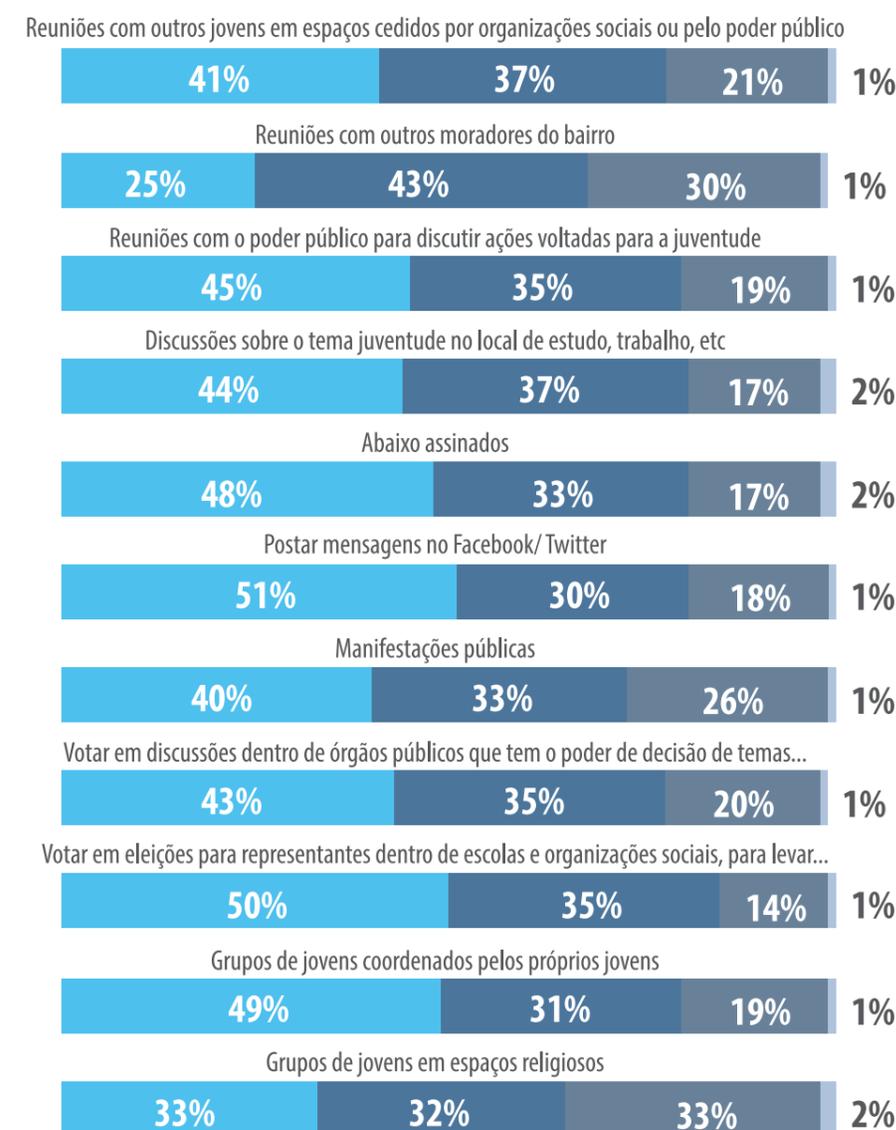


Estratégias de participação

A última pergunta do questionário procurou extrair opiniões acerca da participação dos jovens em cenários existentes e que pudessem existir na cidade de Campinas.

Cerca de 5 a cada 10 jovens entrevistados declararam que participariam com certeza de abaixo assinados, postagens no Facebook ou Twitter, votando em eleições para representantes dentro de escolas e organizações sociais, para levar suas ideias e de outros grupos para o poder público e em grupos de jovens coordenados pelos próprios jovens.

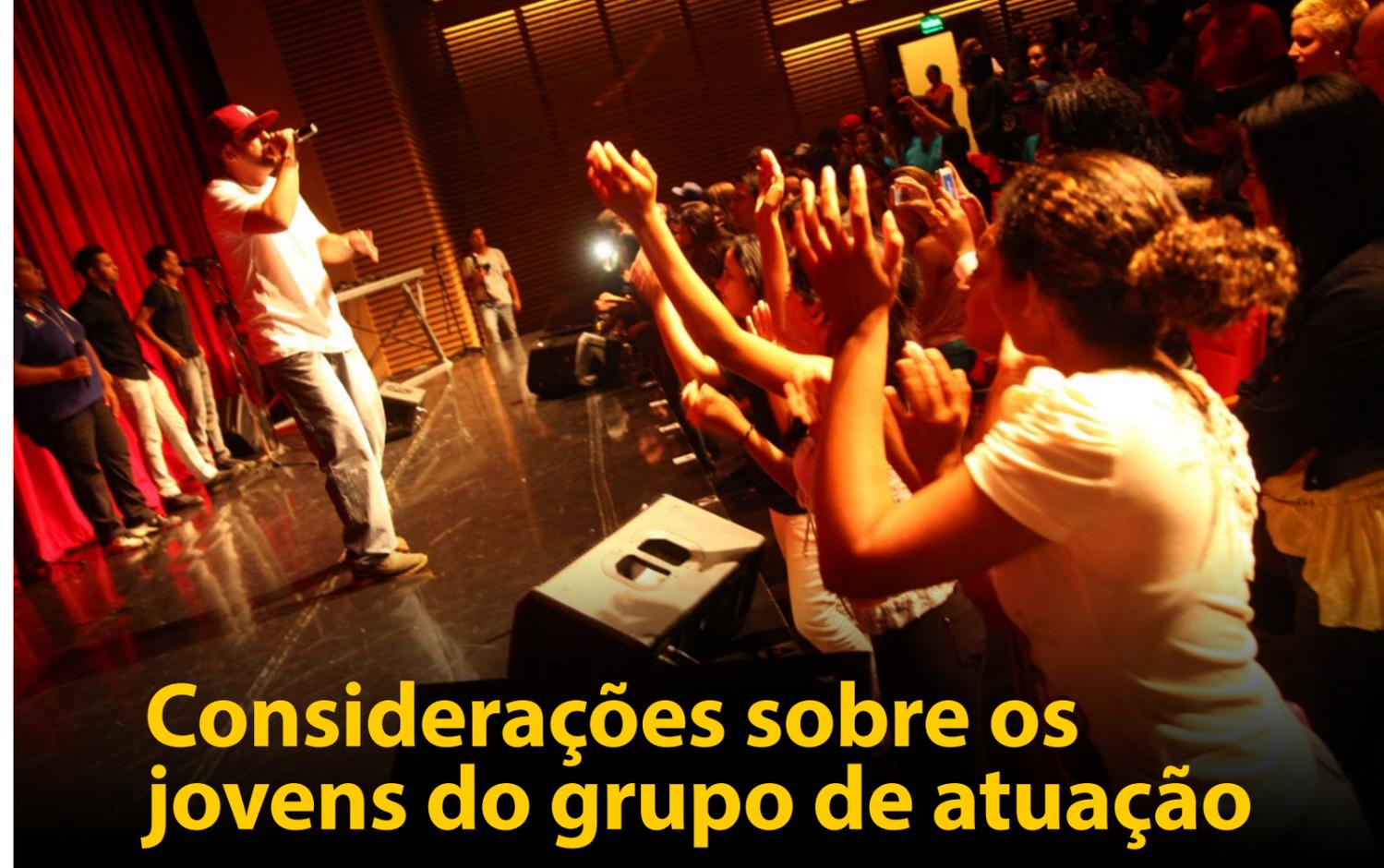
Abaixo estão listadas algumas maneiras e alternativas de participação juvenil que existem ou poderiam existir na cidade de Campinas. Diga se você participa ou participaria “com certeza”, “talvez”, ou “não participa/participaria” de cada uma delas.



Mais de 4 a cada 10 apontaram que participariam com certeza de reuniões com outros jovens em espaços cedidos por organizações sociais ou pelo poder público, de reuniões com o poder público para discutir ações voltadas para a juventude, de discussões sobre o tema juventude no local de estudo e de trabalho, de manifestações públicas e votando em discussões dentro de órgãos públicos que tem o poder de decisão em temas relativos à adolescência e juventude.

Para todas as alternativas de participação percebe-se uma quantidade de mais de 3 a cada 10 que não dá certeza de sua participação, mas que sinaliza algum interesse ao apontar que talvez se envolveria nas atividades propostas.

As formas de participação que menos tiveram aprovação do público ouvido nesta consulta foram “reuniões com outros moradores do bairro”, com somente mais de 2 a cada 10 jovens dizendo que participaria desta forma com certeza, bem como “grupo de jovens em espaços religiosos”, tendo apenas 3 a cada 10 consultados participando com certeza.



Considerações sobre os jovens do grupo de atuação

Virgílio Paulo da Silva Alves – Fundação FEAC

Cada vez mais é válido conceber a juventude em sua diversidade e multiplicidade, pois são diversas as culturas juvenis, o que desafia a construção de políticas públicas de modo a possibilitar sentidos aos jovens. A baixa adesão dos jovens às ações desenvolvidas pela rede de serviços, por vezes, é compreendida de forma equivocada, concebendo a ideia que são estes os “desinteressados”. No entanto, o Grupo de Atuação constituído para o “**PerguntAção**” demonstrou que os jovens querem participar de atividades e trocar experiências sobre o modo de viver na condição de juventude, mas muitas vezes, os serviços públicos não oferecem interesses que atendam às suas necessidades.

A constituição do Grupo de Atuação levou em conta alguns cuidados de modo a conceber um coletivo participativo. Esses cuidados referiam-se à compreensão de juventude e à metodologia utilizada que foram o guia condutor de todo o processo de realização da presente consulta de opinião.

Esse grupo foi constituído por 27 jovens representantes das cinco macrorregiões da cidade de Campinas — Sul, Norte, Leste, Noroeste e Sudoeste — indicados pelas entidades que compunham o GT – Grupo de Trabalho. Os jovens frequentavam os serviços ofertados pelas entidades, entre eles: o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Assistência Social; Aprendizagem Profissional; Capacitação para o Mercado de Trabalho; Cumprimento de Medidas Socioeducativas de Meio Aberto – Liberdade Assistida e Projeto destinado aos jovens que cumpriram medidas socioeducativas. Destaca-se também a participação de jovens que vivenciaram situações de exploração sexual, acolhimento institucional e

medida socioeducativa de internação, que demarca a diversidade de condições sociais em que cada jovem se constitui. Em nenhum momento essas condições foram apontadas ao grupo ou tornaram-se evidentes para qualquer jovem, mas, sem dúvida, na vivência da sociabilidade juvenil, potencializaram a riqueza nas trocas de experiências entre os pares com a mediação do educador social e outros profissionais.

O Grupo de Atuação também contou com a participação de cinco educadores, sendo um de cada macrorregião, já citada acima. Além dos educadores, estavam presentes dois profissionais do Departamento de Gestão Social da Fundação FEAC e dois profissionais do Instituto Paulo Montenegro, sendo esses últimos os coordenadores do Grupo de Atuação.

Não há dúvida de que os jovens são os mais adequados na identificação de suas próprias necessidades, pois vivenciam as condições sociais que os constituem e, ao vivenciá-las, tomam consciência da materialidade mesmo que, algumas vezes, tenham dificuldades em nomear o que sentem.

Com a possibilidade de um espaço de reflexão sobre suas condições, fez-se necessária a disponibilidade interna dos profissionais para refletirem e elaborarem, em conjunto, o impacto da tomada de consciência do modo de se viver a própria condição de vida. Isso potencializou nos jovens o desejo por mudanças que, canalizadas, poderão contribuir na construção de políticas públicas. É o que foi possível identificar na fala de um dos jovens ao longo do debate sobre os resultados da consulta de opinião:

*“Eu fiz parte do grupo **“PerguntAção”**. Isso foi levantado e abriu uma discussão sobre o que o jovem estava precisando na cidade. E com isso foram levantadas todas as hipóteses que apareceram ali. Hoje, dá para gente perceber que na cidade de Campinas tem mais de um milhão de habitantes (...) a maioria desses jovens está perdida no mundo das drogas. Os jovens largam a escola. Não procuram fazer um curso porque o que o mundo lá fora oferece está sendo melhor que o que eles estão oferecendo pra gente. Não estão oferecendo cursos, curso técnico, um curso de formação de qualidade. Inclusive nas escolas você vê que na maioria das escolas têm lixos, algumas ou outras estão em bons estados e, por isso, hoje nos estamos fazendo isso daí (...)” (CLAYSON, GRUPO DE ATUAÇÃO).*

Mesmo apresentando elementos comuns às grandes mídias televisivas, — o que nos permite inferir na influência desses olhares sobre a compreensão dos jovens, atrelando a problemática da juventude às temáticas das violências, entre elas a droga ou o tráfico — Clayson aponta que é fundamental identificarmos o real interesse dos jovens para que a partir de então sejam propostas alternativas.

Nas conversas com os jovens, ao longo da formação do Grupo de Atuação, foi percebido

que eles apresentam maturidade na convivência entre seus pares e educadores, alto percentual de permanência ao longo do processo e, sobretudo, o desejo de encontrar espaços em que são escutados ou mesmo constitui-los para a participação. Reivindicam votos de confiança para serem reconhecidos como sujeitos sociais que são capazes de olhar para as condições em que vivem e propor novas possibilidades:

“(...) eu sei que não estava na hora, mas ela pode ter confiança na turma dos adolescentes. Agora a gente vai fazer passeio que, assim, foi o adolescente que organizou. Coisas que eram para ser educadores, esta sendo os adolescentes. Que estão tendo atitude, porque muitos deles podem ser educadores (...) alguns são educadores (...) virou educadora em outra ONG – Organização Não Governamental (...)” (VITÓRIA, JOVEM PARTICIPANTE DO SEMINÁRIO).

O trecho acima relata a experiência que Vitória vivenciou em uma ONG que executa o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Mesmo acreditando não ser a hora certa, Vitória demonstra que o jovem pode assumir uma postura assídua no agir e no fazer. Já é sabido que, de fato, não existe hora certa. Os jovens são sujeitos sociais que se fazem na relação com o outro e no tempo presente. Nunca estarão prontos, pois estarão sempre se constituindo e sendo constituído. Cabe, então, aos profissionais construir com os jovens canais de participação.

No entanto, trabalhar a diversidade não é tarefa fácil, pois os jovens, mesmo apresentando características que os aproximam enquanto categoria social têm suas singularidades, o que desafia os profissionais a encontrarem caminhos que busquem a qualidade na convivência com as diferenças.

““(...) eu acredito que cada pessoa é diferente uma da outra. Eu posso gostar de teatro e um dia virar uma professora disso. Eu posso gostar de informática e virar uma professora de informática. Posso gostar de educação social e virar uma educadora. E acho que o importante na instituição é a gente trabalhar isso, o que o adolescente gosta. O que ele quer fazer e fazer com que ele caminhe em direção a isso e procure suporte e auxílio. Isso é importante. Vocês desejam o primeiro emprego? É cobrar da instituição. Eu quero o primeiro emprego! Eu quero dançar? Eu vou Dançar! Vou ser professora de dança, vou pendurar no teto, plantar bananeira. Isso é importante!” (LUZIA, JOVEM PARTICIPANTE DO SEMINÁRIO).

Assim como apresentam interesses e necessidades diferentes, constituem diversas formas de participação que muitas vezes não é compreendido pelo profissional que concebe a participação ancorada em referenciais de sua juventude e não dos jovens contemporâneos. Ao não compreender os novos modos de viver a juventude não legitima as novas formas de participação desses sujeitos sociais. O que remete à necessidade de modificar o paradigma

de participação presente em muitas proposições de políticas que não avançam. Esse novo paradigma, já não é tão novo assim. Porém volta e meia retornamos a ele: aprender a conviver e a fazer com os jovens e não para os jovens.

“(...) foi muito importante para eu estar aqui hoje. A gente não quer falar o que é certo ou errado aqui pra ninguém. A gente só quer ter oportunidade para que a gente seja reconhecida, sabe? Que as pessoas vejam a gente com outros olhos, não com os olhos que as pessoas veem o jovem hoje em dia. Igual ela falou do trabalho, falta oportunidade sim e é isso que a gente quer. Se tivesse muito dessas oportunidades pode ter certeza que os jovens iam participar de quase todas, só falta! (...) e o que a gente teve aqui hoje tenha um objetivo. É isso.” (JÉSSICA, GRUPO DE ATUAÇÃO).

Contudo, foi possível constatar, através do Grupo de Atuação, que propostas de atividades planejadas e construídas de forma participativa despertam o interesse, provocam o empoderamento e impactam de forma positiva no desenvolvimento dos jovens, resultando em sua forte adesão às ações propostas. O que pode indicar um caminho na construção de políticas públicas à juventude de forma participativa.



Considerações sobre o grupo de estudo e trabalho: experiência de participação

Caroline Cardoso Silva – CPTI – Centro Promocional Tia Ileine

Refletir sobre juventude é um grande desafio. Pensar no jovem, em espírito jovem, ou mesmo em nossa própria juventude é um tema que em geral mobiliza as pessoas. Gostamos bastante de falar da energia e do “vigor da juventude”, até mesmo da perda dela, quando ficamos mais velhos. Ao mesmo tempo, chovem críticas às “badernas e bagunças” realizadas mundo afora, pelos jovens. Em especial em nosso país esse tema voltou à baila com as manifestações populares de junho de 2013.

Mas para nós, técnicos e educadores, que atuamos diretamente com adolescentes e jovens do município de Campinas, pensar sobre juventude e conviver com ela, assim como problematizá-la e fortalecê-la, faz parte de nossos objetivos de trabalho. E sendo assim, precisamos ir além dos elogios ou críticas simplistas. Além do que apenas a grande mídia brasileira expõe sobre a juventude. Além de nossos próprios conceitos e pré-conceitos sobre o tema. E fundamentalmente ir além de nós, os “adultos”, superar o paradigma de refletir sobre tudo isso sem a presença dos próprios jovens e criar espaços de participação juvenil considerando a importância da relação entre os jovens e os adultos.

E foi esse o desafio que nosso grupo aceitou. Convidados pela Fundação FEAC, ao longo dos workshops de aprofundamento em 2013 e depois, juntamente com a Coordenadoria Setorial de Avaliação e Controle da Secretaria Municipal de Cidadania, Assistência e Inclusão Social, em encontros quase que quinzenais, aceitamos a proposta de reunir forças e profissionais de diferentes áreas e organizações que atuam com esse público para juntos, e com os próprios adolescentes e jovens, contribuir com a construção das políticas públicas

para a juventude de Campinas.

Nosso Grupo de Trabalho realizou bons debates sobre nossas concepções acerca da juventude, assim como aprofundou nosso olhar sobre os problemas que enfrentamos para atingir esse público. O que interessa aos jovens e os mobiliza foi a pauta recorrente ao longo de pelo menos nove encontros realizados no segundo semestre de 2013, assim como o histórico importante que nosso município carrega, no desenvolvimento e formação de adolescentes e jovens multiplicadores por algumas instituições de referência como TABA, SOS Adolescente, Centro Corsini e CEDAP no final da década de 90 e anos 2000. Tivemos Encontros Municipais de Adolescentes e caminhamos até a composição da Coordenadoria da Juventude.

Ao mesmo tempo enfrentamos dificuldades de adesão dos jovens nos serviços socioassistenciais existentes e percebemos inúmeras vagas em cursos profissionalizantes não preenchidas. Por outro lado, ou melhor, por todos os lados, encontramos os jovens. Por todas as ruas e bairros, e dentro das escolas, lá estavam eles, com a energia da juventude pulsando e contagiando.

Nosso grupo se perguntou então: o que nós, adultos, precisamos rever para alcançar e acessar essa juventude, que ao mesmo tempo se mostra, como muitos de nós profissionais percebemos todos os dias, extremamente interessada em construir um presente e um futuro melhor para si e seus pares. Pedem uma escola melhor. Pedem que os adultos os ouçam. Pedem para participar. E participam.

Isso tudo demonstra que temos plenas condições de qualificar as ações de formação, de cultura, de lazer, profissionalização e, primordialmente, de educação que são oferecidas aos adolescentes e jovens em nossa cidade. Nosso grupo se mobilizou e se comprometeu a contribuir com outro horizonte: uma política em construção. Construção conjunta que não se dá sem a presença ativa e deliberativa dos próprios adolescentes e jovens; e sem a busca pela integração das Políticas todas, das quais a juventude tem direito.

Se o caminho se faz caminhando, já começamos a andar. E convidamos mais pernas, braços, mãos, cabeças e corações jovens por dentro ou por fora, a conosco caminhar!



Considerações finais sobre o PerguntAção

Carolina Nascimento, Marisa Villi, Rodrigo Cardozo - Instituto Paulo Montenegro

A última pergunta do questionário pode indicar caminhos para a promoção de canais de participação nos quais os jovens possam fazer parte de etapas como planejamento e avaliação de políticas públicas oferecidas a eles. Muitos indicaram que fariam parte de grupos que pudessem se reunir com representantes do poder público para discutir quais ações podem atingir com maior eficiência o público jovem e suprir as demandas apresentadas, quer pelas respostas ao questionário, quer pelo grupo de atuação.

Cursos e atividades tradicionais, comumente oferecidas tendo como foco o mercado de trabalho como ele está configurado hoje, ainda têm grande adesão entre o público entrevistado. Contudo, o grupo de atuação confirmou suas hipóteses de que entre os jovens ouvidos há uma grande vontade de fazer parte de outros tipos de atividades, que seguem novas tendências para o próprio mercado, mas, também, cumprem um papel mais lúdico e cultural na vida dos jovens.

Muitos jovens ainda desconhecem as atividades oferecidas pelas organizações sociais que atuam em seus bairros. A pergunta do questionário que busca saber como eles se informam sobre o que acontece na região onde moram aponta o “Facebook” – que aparece como meio principal em diversas coletas de opinião realizadas com jovens – como provedor dessas informações, seguido por panfletos e cartazes (que poderiam estar nas próprias organizações) e jornais e revistas (meios menos acessíveis às ONGs). Porém, todos os meios são fontes primárias para que as informações circulem através do tradicional

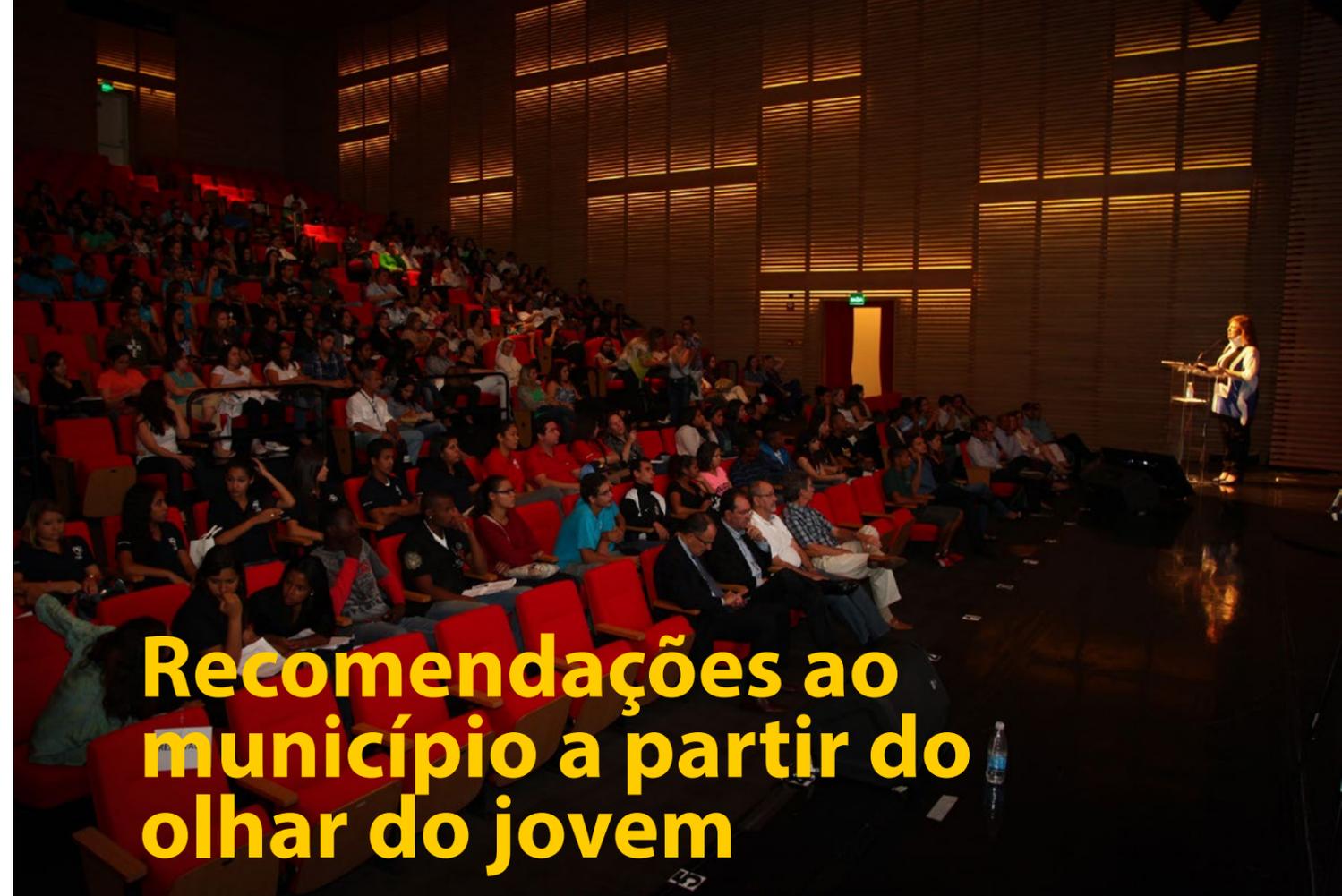
“boca a boca”. A escuta qualificada das opiniões dos adolescentes e jovens dentro das organizações, sobretudo promovendo participação, pode multiplicar o conhecimento de um bairro acerca das atividades oferecidas por uma determinada ONG.

Oferecer cursos no centro ou em outros bairros para favorecer momentos de circulação pela cidade foi uma hipótese compartilhada entre os profissionais que atuaram juntos à FEAC, neste ano, para pensar ações mais efetivas para a juventude. As opiniões colhidas aqui, entretanto, não seguiram este caminho – o grupo de atuação também não levou isso a cabo como algo que pudesse definir sua adesão a alguma atividade oferecida por ONGs. As preferências por atividades no próprio bairro ou fora dele se mostraram divididas, com leve inclinação a optarem por atividades perto de casa e, mesmo assim, não configurando como ponto principal na escolha de alguma atividade a ser cursada ou frequentada. Percebeu-se que essa escolha está, muitas vezes, pautada pelas possibilidades econômicas do jovem.

Por fim, é importante colocar em foco, mais uma vez, a palavra que deu o tom ao processo do PerguntAção na Fundação FEAC: **PARTICIPAÇÃO**. O grupo de atuação direcionou suas discussões, desde o primeiro momento – antes mesmo de ser definida a pergunta-guia que nortearia este trabalho, à possibilidade de poderem fazer parte dos grupos que discutem o formato das políticas públicas e das atividades que são oferecidas aos jovens na cidade.

Havia, também, a angústia de mais uma vez estarem se reunindo para discutir política, mas não ter ninguém para poder escutar o que estavam dizendo. As possibilidades oferecidas pelos canais abertos até então pela própria FEAC dirimiu esta aflição, contudo, são jovens desejosos pela continuidade do que foi iniciado aqui.

A coleta das informações indicou que, entre os entrevistados, também existe o desejo de poder participar mais ativamente através de canais que possam ser abertos pelo poder público e pelas organizações sociais – no dia da oficina de análise, se por um lado o grupo de atuação não entendia como os outros adolescentes e jovens “ainda podem querer fazer um ‘cursinho’ de administração”, por outro lado, ficaram felizes de poder ver seu desejo de participar refletido no que foi dito pelos jovens ouvidos nesta consulta participativa de opinião.



Recomendações ao município a partir do olhar do jovem

Maria do Carmo Brant de Carvalho - Consultora

Como é possível constatar pelas reflexões anteriores, os jovens quando suscitados a falar a partir de suas experiências, e também pela pesquisa com seu grupo de pares sobre suas percepções e relações com as políticas públicas e seus serviços, nos oferecem uma inequívoca contribuição.

Os jovens mostraram que são capazes de participar, exercer efetivo protagonismo e permanecer no grupo tarefa do início ao fim. Definiram o escopo da pesquisa, realizaram a pesquisa, analisaram os dados resultantes e produziram um diálogo público da maior importância com gestores da política municipal de Campinas.

Mas, não estavam sozinhos! Caminhou par e passo com eles, o grupo de trabalho constituído de profissionais de várias entidades convidadas pela Fundação FEAC, que assumiu com persistência e competência a busca por conhecer os jovens e inovar sua prática social junto aos mesmos.

O grupo de trabalho realizou diversas oficinas reflexivas sobre o adolescente /jovem e sua inserção aos serviços de educação, Assistência Social, formação profissional e, igualmente, uma reflexão sobre a territorialidade da ação.

Destes dois grupos resultaram as recomendações feitas à gestão pública municipal de Campinas e em particular à gestão da política de Assistência Social visando a construir uma política robusta e assertiva de atenção à juventude em Campinas.

15% da população campineira é constituída de jovens entre 15 e 24 ano:

- Mais de 47 mil jovens de 15 a 17 anos
- Mais de 125 mil jovens de 18 a 24 anos
- 20% dos jovens de 15 a 17 anos vivem em famílias muito pobres (até ½ salário mínimo per capita)
- 60% dos jovens de 15 a 17 anos vivem em famílias com renda per capita entre ½ e 2 salários mínimos
- 16% dos jovens de 18 a 24 anos vivem em famílias muito pobres (até ½ salário mínimo per capita)
- 53% dos jovens de 18 a 24 anos vivem em famílias com renda per capita entre ½ e 2 salários mínimos.

Fundação SEADE/ 2013.

É preciso oportunizar aos jovens o acesso aos serviços da cidade; ampliar seu repertório social e cultural por meio da circulação e acesso a recursos; assim como por meio da interlocução política com os diversos atores implicados na produção da cidade.

Abaixo, listo algumas das principais recomendações constituídas ao longo das reflexões do Grupo de Trabalho, especialmente, após a análise dos resultados do “**PerguntAção**”.

1. Recomendações para uma política de juventude

- Articulação da ação pública na cidade e em seus territórios - ação em rede;
- Constituição do Conselho Municipal de Juventude consultivo e deliberativo.;
- Formação conjunta dos profissionais de todos os serviços para jovens da cidade visando ao fortalecimento da rede e, nela, a circulação dos jovens;
- Ampla informação sobre os serviços ofertados pela rede;
- Inovação programática: alargamento das sociabilidades / mobilidade;
- Flexibilidade programática e de horários;
- Participação e protagonismo dos próprios jovens.

2. Recomendações para os serviços sócios assistenciais junto aos jovens

As entidades sociais trabalham com o universo de jovens marcados pela pobreza e vulnerabilidade social. Uma de suas principais ações é o desenvolvimento dos serviços

socioassistenciais de convivência e fortalecimento de vínculos sócios comunitários.

Este serviço é estratégico e indispensável – na rede – para facilitar a circulação e trânsito dos adolescentes e jovens entre os recursos, serviços e oportunidades ofertados pelas políticas municipais em Campinas. Mas os serviços voltados à convivência e ao fortalecimento de vínculos precisam introduzir nova concepção e paradigma de ação.

Neste novo paradigma, estes serviços assumem duas perspectivas complementares:

1. O Desenvolvimento da convivência intra grupo de pares:

A convivência intra grupo de pares continua sendo demanda principal entre adolescentes e jovens; é por esta via que buscam resposta às suas necessidades de comunicação, autonomia, trocas afetivas e, principalmente, de identidade.

Adolescentes e jovens carecem de oportunidades alargadas de sociabilidade; carecem de espaços e oportunidades de convivência; nem sempre os encontram nos territórios e cotidianos de vida.

Focos prioritários:

- Constituir-se em espaço de desenvolvimento das capacidades e habilidades necessárias a convivência e alargamento das sociabilidades: expressão de saberes e sentimentos, comunicação, cooperação, iniciativa, empatia, trabalho em equipe, domínio das linguagens multimídias, sobretudo o “facebook”, meio utilizado por este grupo etário...
- Constituir-se em espaço de expressão de sentimentos, afetos, conflitos, medos, interesse...

2. Convivência e fortalecimento de vínculos com as comunidades e cidade

Os jovens querem aprendizagens úteis, ágeis e vivenciadas. Toda aprendizagem útil e desejada produz autoconfiança; move mudanças desde dentro do próprio grupo; estimula a curiosidade por novos conhecimentos. Estas aprendizagens estão presentes em toda a cidade e junto aos cidadãos da cidade.

Circulação e trânsito pelos serviços e oportunidades da Cidade .

Focos prioritários:

- Constituir-se em espaços de ampliação de relações e participação na vida das comunidades e cidades;
- Constituir-se em espaços de diálogo com sujeitos os mais diversos da cidade (professor, jornalista, médico, representante da associação de amigos do bairro, vereador, gestor público);
- Constituir-se em espaços de ação e protagonismo por meio da realização de projetos

de curta duração (no máximo um semestre) de pesquisa, seminários, torneios, ações nas comunidades;

- Exercer cidadania na vida da cidade.

Do Grupo de Atuação “**PerguntaAção**” e do Grupo de Trabalho constituído por técnicos e educadores das diversas organizações resultou protagonismos e valiosa contribuição para políticas de juventude na cidade de Campinas. Sobretudo, suas vozes e ação testemunharam a capacidade política na proposição e inovação nos serviços socioassistenciais de que se ocupam e por onde os jovens transitam.

Relatório final elaborado por:



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-61850-04-3

